

Ano III

Março de 1934

A. Costa
N.º 8 619

REVISTA DO ENSINO

ORGÃO DA DIRETORIA DO ENSINO PRIMARIO

PUBLICAÇÃO TRIMENSAL



Imp. Of. — João Pessoa — 1934 — N.º 536.

ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO PRIMARIO

Secretario do Interior — *Dr. Argemiro de Figueirêdo*

Diretor — *Prof. Eduardo Monteiro de Me-
deiros* (em comissão, como fiscal
do Governo Federal, junto ao
Colegio Pio X).

Diretor interino — *Prof. José Batista de Mélo*

FISCALIZAÇÃO TÉCNICA

- 1.^a zona escolar — *Prof. Sizenando Costa*
- 2.^a " " *Prof. Mario Gomes Pereira de Souza*
- 3.^a " " *Prof. Francisco L. de S. Rangel*
- 4.^a " " *Prof. Manuel Viana Junior*
- 5.^a " " *Prof. Pedro Leão F. de Mélo*
- 6.^a " " *Prof. Leonidas da S. Santiago*

Ano III

Março de 1934

N.º 8 e 9

REVISTA DO ENSINO

ORGÃO DA DIRETORIA DO ENSINO PRIMARIO



PUBLICAÇÃO TRIMENSAL



Imp. Of. -- João Pessoa --1934 -- N.º 536

PARA VALORIZAR O HOMEM DO NORTE

Palestra realizada pelo professor Sizenando Costa na SOCIEDADE PERNAMBUCANA DE EDUCAÇÃO.

Eu venho vos falar do homem do Norte, deste homem que moureja incessantemente, de sol a sol, em luta com as incertezas do clima, com um amor grande e generoso pela sua gléba, imensa e dadivosa, mas por vezes quando resequida, ingrata, avára, cruel, ceifadora de vidas.

Falo-vos do sertanejo que, no conjunto dos contrastes de sua vida; na alegria das toadas, ao som da viola, nas noites luarentas dos anos bonancosos e nas tristezas das retiradas, pelos campos comburidos, negros, desolados, ao mugir dolente, de cortar o coração, das boiadas famintas que se vão para bem longe, ás vezes para a morte, é o tipo que encerra, com toda pureza, as tradições de nossa raça.

Falo-vos também do brejeiro, quasi nomade, de "trouxa" ao hombro, de engenho em engenho, a cantar pelas estradas, talvez um pária, trabalhando no eito, por uma retribuição tão infima, que eu não sei como dá para passar.

Falo-vos dessa gente que constitue a população rural das terras brasileiras do Norte.

Falo-vos desse homem que vem vivendo ao léo, abandonado, sem assistencia de especie alguma, que resume, que condensa em si a expressão mais nitida da verdadeira brasilidade.

* * *

Para melhor evidenciar certos fatos que se relacionam com o assunto que tento explanar, preciso fazer um retrocesso ligeiro a uma época mais recuada da nossa historia politica, para apanhar o panorama das cogitações dos nossos dirigentes de então, em torno do supremo problema da educação popular. Esse problema, sempre foi o assunto de maior predileção dos politicos desejosos de ser guindados ás culminancias do poder. E' claro que vez por outra, surgiam, em pontos destacados da Republica, excepções muito honrosas.

A campanha política de Nilo Peçanha, ecoando cheia de civismo, através do Brasil, foi como que a semente desse movimento de rebeldia que veio explodindo desde a epopéa do Forte de Copacabana, só comparavel em grandeza á Retirada da Laguna, até o advento de 1930.

Do movimento civilista para cá, entre os multiplos crimes dos governos, apontava-se como o mais execrando o abandono a que relegavam a assistencia educativa do povo.

Surgiu então uma literatura, podemos dizer, propriamente rebelde, que foi gerando no seio da nacionalidade, esse estado de inquietude em que a Revolução veio encontrar o Brasil.

Demoremos um pouco no estudo, a largos traços, da mentalidade brasileira, e seu valor economico, no momento agudo e doloroso de nossa transição da velha para a nova Republica. Presos ao preconceito oriundo de uma burguezia que nos veio do velho Portugal, com a escravidão que foi de ontem e medrou como planta daninha entre as futilidades de uma fidalguia empobrecida e ociosa, iniciámos a nossa cultura, sem nos preocupar com as questões economicas, tendo mesmo como deprimente e avillante o trabalho, se bem que honrado e produtivo. Com essa mentalidade, somente modificada nos grandes centros do litoral, veio vindo o Brasil, desde sua primeira infancia, pela mão dos governantes da velha Republica. Assim foi êle encontrado na madrugada promissora de 3 de outubro de 1930.

Agora, aqui, e ali, já reponta um surto de boa vontade, afim de encaminhar a questão para um desfecho cabal. Estamos num periodo bem acentuado de transição. Chegou a hora das realizações. A Revolução é devedora de um sistema educativo, relacionado e compativel com a grandeza e as necessidades do Brasil.

E esse sistema educativo tão reclamado, tão almejado, será, porventura, o simples e humilde lér, escrever e contar, tão ao sabor e á feição dos interesses dos nossos mandões de aldeia?

Será com um cabedal tão modesto que iremos impulsar esse colosso que é o Brasil?

Esse lér, escrever e contar, quando muito, em épocas recuadas, era o bastante e suficiente para o exercicio passivo daquilo a que chamavam talvez, como um paradoxo, o direito do voto.

* * *

Como os problemas da região reclamam cuidadoso estudo de técnicos especializados, a formação da mentalidade dos homens dessa região exige também uma técnica especial.

Não basta reter as aguas, para que no deserto dos sertões se fôrmem oasis verdejantes, fontes de riqueza e conforto.

Não basta que se recomponham as florestas, que o machado e as queimadas desastadamente ceifaram, e se constituam

cortinas vegetais para regular a direção das correntes aéreas que nos roubam, gota a gota, o liquido que nos garante a vida.

Não basta o emaranhado das estradas, ligando por meios rapidos os centros civilizados ás regiões longinquoas do Oeste.

Tudo será nada se não melhorarmos as condições culturais do nativo. Eis um dilema de que não poderemos sair..

Que proveito tirará o homem sertanejo, das benesses que largamente lhe estão sendo proporcionadas se continuar no estado de semi-ignorancia em que se encontra?

Inculto como é, dentro do seu *habitat*, terá de curvar a cerviz ao dono da terra, ao dono da consciencia, ao mais valido, ao mais atilado, ao de mentalidade mais elevada.

E' pouco demais, mesquinho, aváro esse lér escrever e contar que lhe querem oferecer.

Tudo que proporcionarmos a esse homem extraordinario, conjunto de energias brasileiras, que o sol flamejante das estiagens enrijou, blindou para enfrentar com serenidade e estoicismo todas as lutas, todas as vicissitudes, será nada se o não aparelharmos de conhecimentos para melhorar os seus processos culturais, se não lhe dèrmos uma consciencia perfeita dos meios de defezas contra as endemias reinantes, de modo a poder exercer sua atividade com proveito e eficiencia, trazendo, para o seu lar modesto e honrado os proventos do seu trabalho, com abastança e com ela a alegria, a confiança no futuro, a estabilidade no sólo. Esse conjunto de circumstancias que resume, sintetisa a felicidade, demanará de certo, um reflexo bonançoso que incidirá diretamente na furtuna publica.

E' nessa estabilidade, nessa confiança nas proprias possibilidades, que reside o segredo da prosperidade dos Soviets. O povo russo, de irriquieto e masorqueiro que era, passou a ser um escravo da ordem, com um desejo ardente de produzir, seu culto é o Estado e no conjunto de qualidades que cristalizam o caratér daquêle povo, no momento, coloca-se no primeiro plano, como faceta da mais alta moral, á capacidade de produção de cada um.

Por principio, eu não posso querer para o Brasil aquela fórma de govêrno, incompativel com os costumes e a tradição da nossa gente, mas invejo o cuidado que alí se dispensa á formação mental do povo, á sua eugenia, profunda e seguramente relacionada com as necessidades do país.

* * *

Tornai-vos dignos, meus colegas, da vossa missão, transformai o lar brasileiro, fazei de cada tétto uma fonte de alegria e de riqueza.

Vós deveis conhecer as diversas nuanças do caratér do brasileiro — êle é ardente nas paixões, afetivo, dispersivo, displi-

cente mesmo nas questões de economia domestica. Pois bem, fazei de vossa escola um centro de atividades, podemos dizer, domesticas e rurais, relacionadas com as condições do meio em que desenvolveis vosso mistér e procurai modificar as tendencias, as qualidades que julgardes improprias para o homem e para o meio.

O lar é a celula desses super-organismos que são os países.

Fazei com que as futuras donas de casa brasileiras tenham uma noção perfeita do que seja, dentro mesmo das condições mais humildes, o asseio, o arranjo, as pequenas ocupações, as pequenas industrias caseiras. Paralelamente ás noções de puericultura ministrai conhecimentos de pecuaria, seleção dos galinaceos, construção das capoeiras, asseio dos porcos e das pocilgas e o que seja rações balanceadas para os pintos e para as creanças. Demonstrei que não se perde os residuos dos corpos graxos que "são bons" para fazer sabão. Assim, os detritos; as varreduras devem ir para a estrumeira, construida a sota-vento da habitação, em uma area de sólo batido, cobertinha de sapé, para nitrificar tudo aquilo e restituir á terra o que ela déra á hortabonitinha e ás fruteiras do pomar. Lá bem longe dos bichos, num recanto quieto, á meia sombra, deve estar o apiario, zumbindo, cheirando, limpinho, onde as loiras e alegres filhas do sol fazem na sua alquimia misteriosa, o mel, precioso alimento de poupança, encanto preferido da menina nédia e contente. Mostrai que o panasco e o capim-mimoso de nossas pastagens nativas, que sobejaram nos anos de fartura, tudo póde ser fêgado e guardado no paiól, e depois, nos tempos da penuria, com o cheiro bom, e grande reserva alimentar concentrada, de mistura com um pouco de palma-santa, póde ser comido pela vacuinha mansa que dá o leite dos filhinhos. Mostrai como se faz a sunga do caçula travesso, como se custura a gravata dominigueira do marido e o mocó com buracos para respirar, do cabritinho pulador.

Neste mundo de atividades que levareis da vossa escola para os lares dos vossos alunos, preparai a figura santa e veneravel da mãe brasileira, para que ela com o seu labor, com a sua pureza, com o seu espirito de sacrificio e de renuncia, inicie comvosco a obra suprema e grandiosa da reconstrução do Brasil. Fazei de vossa escola este centro de atividades cheio de vida, de calor, de vibratilidade para renovar.

Só assim poderemos colocar o Brasil no lugar de destaque que êle almeja e merece.

Sem termos formado esse "standard" de homem que se baste a si mesmo, não sairemos dessa agitação, dessa irritabilidade em que vivemos, inseguros, duvidosos, desnorteados, ainda que façamos uma revolução por semana, e que mudemos

o govêrno em cada lua; nada conseguiremos se não cuidarmos de homem, fator unico, primordial em todas as realizações.

Empurremos, pois, o brasileiro para o trabalho produtivo e eficiente e cuidemos de aparelhar a dona de casa, para essa tarefa ufanosa de coordenadora dos nossos destinos, artífice maravilhosa que é da nossa felicidade. Mãe ou esposa, ela é bem a síntese mais perfeita do nosso afêto. — Mãe, ela é bem uma santa, uma heroína de caráter espartano e dentro dos seus sentimentos cristãos, no fervor de sua fé, ela expressa essa saudade quando abençôa o filho querido e aventureiro, desbravador de selvas, que foi para longe revelar ao mundo essa Amazonia imensa, esse portento que nos orgulha.

* * *

Em Pernambuco não faltam as iniciativas maravilhosas. A Escola Rural Modelo "Anibal Falcão" é um padrão do que necessitamos. Sobre esse estabelecimento mandei dizer ao Diretor do Ensino de minha terra, que ela parece que foi feita, para a Paraíba.

Disseminar escolas desse tipo, por todo territorio nacional, seria um dever nosso. Mas enquanto elas não chegam, tenhamos iniciativa, vamos transformando os diversos estabelecimentos de ensino comum, de escolas tumulares, tetricas, frias, desprovidas de vivacidade, nessa escola agitada, quente como o sol, cheia de uma seiva nova que desperta para a luta, numa alegria infinda de viver.

Releguemos a escola classica, disciplinadora, hieratica, cuja maior eficiencia está no mecanismo dos atos, onde tudo é feito ao sinal convencionado manejado pelo professor carrancudo, dogmatico, impertigado, de uma circumspecção que aterra. Releguemos para longe essa escola onde o rir é um crime, a troca de ideias um ato feio, a camaradagem um defeito.

O Brasil, com o seu sol, com a sua agitação natural, com os seus surtos libertarios, com a alegria de sua vegetação, o cantar de suas fontes, o brilho multicôr da plumagem de suas aves, e o riso e a meiguice de suas filhas, não póde, não deve suportar a escola morta, e inexpressiva do passado.

Façamos pois, a escola do Brasil para o Brasil,

SEXTO CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Com invulgar brillantismo, realizou-se em Fortaleza o Sexto Congresso Nacional de Educação, ao qual compareceram representantes de todos os Estados da Federação.

Foi o primeiro desses certames realizados no Norte, despertando porisso mesmo grande interesse por parte dos educadores.

Teve esse congresso como presidentes de honra os exmos. srs. dr. Getulio Vargas, Chefe do Govêrno Provisorio e o capm. Roberto Carneiro de Mendonça, Interventor Federal no Ceará.

Os trabalhos iniciaram-se no dia 31 de janeiro do ano corrente, terminando no dia 12 de fevereiro. Constatou o programa do congresso além das recepções officiais, de uma exposição de arte regional no auditorio da Escola Normal Official, excursões, palestras e discussões em plenario, das diversas teses apresentadas pelos congressistas.

O govêrno paraibano enviou como representantes do nosso Estado ao Sexto Congresso Nacional de Educação, o prof. José Batista de Mélo, diretor do Ensino Primario, e o dr. Manuel Florentino, lente de Historia Natural no Liceu Paraibano e diretor da Secção de Bacteriologia da Diretoria da Saúde Publica.

Damos abaixo o relatório que os nossos delegados enviaram ao exmo. sr. Interventor Federal.

Exmo. sr. dr. Interventor Federal :

Na qualidade de delegados deste Estado junto ao 6.º Congresso Nacional de Educação, realizado na cidade de Fortaleza, entre os dias 2 e 10 do corrente mês, vimos apresentar a v. exc. o relato de como ocorreu o certame, e da nossa atuação nas reuniões ali procedidas.

Antes de entrar no assunto desse relatório, queremos testemunhar a v. exc. todo o nosso reconhecimento pela honrosa incumbência que nos foi cometida e que procurámos, de boa vontade, desempenhar, certos de que assim procedendo correspondíamos á expectativa dessa Interventoria, emquanto que cumpríamos o nosso dever de paraibanos.

Chegados á capital cearense, nos ultimos dias de janeiro ultimo, puzemo-nos em contacto com a comissão do Congresso, e sómente aí tivemos conhecimento do respectivo programa que fôra organizado de modo a satisfazer ás necessidades educacionais do país.

Dada a exiguidade de tempo de que dispunhamos para um estudo mais completo do que ia ser discutido naquela importante reunião, assentámos, desde logo, fazer convergir todo o nosso trabalho para os pontos que mais de perto se relacionassem com o problema da Instrução em nosso Estado.

Assuntos de grande interesse para o ensino em geral, fôram ali discutidos. Professores de quasi todos os Estados acorreram ao Congresso, levando alguns trabalhos de incontável valor. Assim é que fôram relatados interessantes têmeas sobre "Educação pre-escolar", "Ensino Primario", "Ensino Secundario", "Ensino Normal", "Ensino Profissional", "Ensino Superior", "Administração de Ensino", "Inspetorias de Ensino", "Diretorias de Escolas", "Educação Artistica", "Educação Física e Recreação" e "Educação Higienica", sendo todos livremente discutidos pelas delegações dos Estados.

Tomámos parte nas sessões técnicas que se realizavam durante o dia e, á noite, nas do plenário. Por diversas vezes apresentámos sugestões ás questões ventiladas, defendendo os interesses do ensino que melhor satisfizesse ás necessidades da Paraíba, como no que diz respeito á Educação Sanitaria, Ensino Profissional, Ensino Rural, Ensino Normal, Validade dos diplomas de professores, etc.. Sobre Ensino Normal foi por um de nós apresentada uma proposta de um programa para os Estados do Norte.

Tivemos a satisfação de vêr recebidas com simpatia as nossas propostas e sugestões que, incluídas no relatório geral do Congresso, serão enviadas á Associação Brasileira de Educação para os necessarios estudos e destino. Também, de acôrdo com o programa estabelecido, fôram relatadas pelos congressistas as condições gerais do ensino em cada Estado, de modo a ficarmos inteirados da situação do país, em materia de educação. Expuzemos com segurança o que a Paraíba realizou e vem realizando no departamento da Instrução, utilizando-nos de dados estatísticos e fazendo um estudo comparativo da receita e despesas que o Estado realiza com a educação popular.

Do que vimos e diante ás necessidades de que se resente o nosso ensino, achamos por bem oferecer a v. exc. al-

gumas sugestões que, estamos certos, terão o necessario estudo, para uma reforma que urge ser levada a efeito na Instrução Publica da Paraíba.

Bem sabemos que as nossas condições financeiras não permitem grande aumento de despesas, no momento; por esta mesma razão tivemos o cuidado de apresentar medidas perfeitamente realizaveis, e que trarão sensiveis beneficios á futura economia do proprio Estado :

ESCOLA NORMAL

E' natural que seja a Escola Normal o ponto de partida da refórma a que aludimos. Por sua propria finalidade esse estabelecimento deve aparelhar-se de fórma a preparar professores capazes de dar uma orientação eficaz e pratica ao ensino. Seus programas estão a merecer urgentes modificações, e entre os pontos que julgamos mercedores de reparos estão a ausencia de uma cadeira de psicologia, uma de educação sanitaria, e a falta de um desenvolvimento adequado e indispensavel na de trabalhos manuais que deve abranger determinadas artes e pequenas industrias. A nomeação duma comissão encarregada de estudar o assunto talvez encontrasse idéas aproveitaveis na proposta de "um programa de ensino normal para os Estados do Norte" apresentado ao 6.º Congresso, de que falámos acima.

Também não nos parece acertada uma Escola Normal autonoma, como a nossa. E' aliás uma exceção no ensino normal do país. Para que haja uma orientação unica e de verdadeiro proveito deve a Escola fazer parte da Diretoria Geral da Instrução ou Departamento de Educação que, no caso superintenderá tudo que diz respeito aos assuntos educacionais do Estado.

PEQUENOS MUSEUS DE ARTES REGIONAIS

Sugerido pelo dr. Nobrega da Cunha, diretor da Instrução Publica do Estado do Rio de Janeiro, foi vitoriosa no 6.º Congresso de Educação a idéa de serem instalados nos Estados museus de artes regionais. Os congressistas presentes, em sua maioria, prontificaram-se a trabalhar junto aos govêrnos no sentido de ser satisfeita essa deliberação. Tivemos igual gesto em relação á Paraíba. O Estado do Ceará desde logo deu cumprimento ao que prometera e, em Fortaleza, já funciona o museu aludido. E' bem interessante, de alto alcance pedagogico, essa instituição. Os museus destinam-se a congregar todas as artes praticadas no Estado, desde a mais aperfeiçoada á mais rudimentar, de fórma que além de ser um mostruario completo das nossas possibilidades economicas, serve de base para a educação artistica do escolar. Medida de grande utilidade, o museu

póde ser organizado na Escola Normal desta capital, sem outras despesas além da gratificação ao seu zelador, uma vez que os proprios trabalhos pódem ser adquiridos gratuitamente junto aos municipios, e a sua organização e direção entregues aos proprios alunos dos estabelecimentos de ensino sob o controle dos respectivos professores. Para maior eficiencia pedagogica é necessario que haja revesamento entre os encarregados da sua constante organização, a fim de que venham todos os estudantes a ter um conhecimento perfeito dos produtos expostos e possam estudá-los, convenientemente.

Logo que nos sejam remetidos pela Diretoria da Instrução do Estado do Rio faremos chegar ás mãos de v. exc. o programa e demais intruções sobre a organização dos muzeus.

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO

Confórme frizámos noutro capitulo faz-se necessario que todas as repartições concernentes ao ensino tenham uma orientação unica. Não se compreende essa anomalia que se verifica atualmente sem uma uniformidade de direção nas cousas que dizem respeito á Instrução.

Achamos, pois, medida acertada a criação de um Departamento de Educação ou Diretoria Geral de Instrução que tenha como órgãos :

- a) Instrução Primaria
- b) Escola Normal
- c) Escola de Aperfeiçoamento para professores
- d) Revista do Ensino
- e) Escola Rural Modêlo, e como órgão consultivo e julgador um Consêlho de Educação.

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO

A exemplo do que se vem fazendo em outros Estados do Brasil, achamos de absoluta necessidade a criação de uma Escola dessa natureza para o aperfeiçoamento do professorado. Justifica-se plenamente essa medida que se nos afigura de muito facil execução, de grande proveito para os nossos educadores e para o proprio ensino.

Como em todas as carreiras, o magisterio tem seus pontos de accessos, como o de diretores de grupos e inspetores escolares, que devem ter um preparo mais solido e de mais técnica que do que o dos simples regentes de escolas. Para os cargos de professores da Escola de aperfeiçoamento, tomamos a liberdade de lembrar o aproveitamento de alguns docentes do Liceu, Escola Normal ou medicos da Saúde Publica que, independentemente de qualquer gratificação por parte do Estado e com a vantagem de contarem tempo para o efeito de aposentadoria, acreditamos que não se negariam prestar esse beneficio á Instrução Publica.

ESCOLA RURAL MODELO

Já foi objeto de um memorial enviado pela Diretoria do Ensino Primario ao sr. dr. secretario do Interior. A Escola Rural Modelo viria servir de base para a reforma dos programas das Escolas Primarias, em determinadas regiões do Estado, e que passariam a ter além do curso de letras secções de agricultura, de artes e de pequenas industrias. Também para criação da Escola Rural Modelo teria o Estado de adquirir apenas um prédio com terreno que se adaptasse ao fim, em um dos arrebaldes da capital. O professorado seria o mesmo de um dos nossos Grupos Escolares, depois de um estagio de alguns meses na Escola Rural "Anibal Falcão", de Recife, conforme se referiu o aludido memorial.

ENSINO RURAL

Com a reforma da Escola Normal forçosa tornar-se-ia também a dos programas das escolas primarias que passariam a orientar-se com outra finalidade, e em lugar de simples escolas de *ensinar a ler* viriam a ser verdadeiras escolas rurais, onde ao lado das letras se encontrariam as artes e pequenas industrias que fariam do menino um operario capaz e instruido. Estado pobre, com 2/3 de sua superficie sujeitos a secas periodicas, de agricultura precaria, a Paraíba precisa procurar na escola-trabalho os meios de solucionar os seus problemas economicos.

CONSÉLHO DE EDUCAÇÃO OU CONSÉLHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO

Como orgão consultivo da Diretoria da Instrução Publica sempre existiu neste Estado o Consélio Superior de Instrução, que, em certos casos, é também consélio julgador. Não traz aumento de despesas a sua restauração, além de ser uma medida de absoluta necessidade.

São estas, sr. Interventor, as sugestões mais prementes e de mais facil execução que julgámos convenientes apresentar-vos neste Relatorio, antecipando outras que vos serão sugeridas posteriormente pela Associação Brasileira de Educação. Elas requerem mais uma *mudança de rumo* do que um aumento de despesas. Com pequenos sacrificios de dinheiro e boa vontade do govêrno, nosso Estado poderá organizar seu ensino em bases mais justas e mais efficientes.

Apresentamos a v. exc. os nossos protestos de alto apreço e distinta consideração.

João Pessôa, 22 de fevereiro de 1934 — J. Batista de Mélo, dr. M. Florentino.

A HOMOGENIZAÇÃO DAS CLASSES ESCOLARES

Palestra feita pela professora Maria do Patrocínio S. Leite, na Sociedade de Educação "ALMIR NINA", em S. Luiz do Maranhão

Alguem já disse que a característica do nosso seculo é maior rendimento e menor esforço.

E isto, realmente, é o que se nota em todas as atividades do genero humano.

Na escola, instituição grandemente sensível a todos os caprichos sociais, esta influencia já se fez sentir.

Hoje, ha, sobretudo, o desejo de se obter no trabalho escolar o maximo de rendimento, rendimento este que é aferido pelo aproveitamento dos alunos.

Ao lado disso, se vem procurando, não diminuir o trabalho do professor, mas aproveitá-lo totalmente, com exito, tendo-se a preocupação de evitar o seu desperdicio.

Daí, esta serie de renovações por que estão passando os processos de ensino.

Entre as tentativas feitas no sentido de melhorar os trabalhos da escola, quero salientar aqui uma de grande importancia, por isso que, de modo especial, vem auxiliar o professor na realização desse desideratum, qual seja o de maior rendimento dos trabalhos escolares. É a homogenização das classes escolares.

Para melhor compreendermos isto, vamos ver em que consiste a homogenização das classes, porque homogenizar as classes, como homogenizar as classes e para que homogenizar as classes.

* * *

A homogenização das classes consiste no grupamento das crianças em classes coletivas, ou seja, consiste em reunir numa mesma classe alunos que tenham, mais ou menos, a mesma capacidade intelectual, as mesmas aptidões, enfim, alunos cujas diferenças individuais não sejam tão sensíveis.

Vejam agora a causa que nos leva a fazer esta seleção, respondendo a questão: *porque homogenizar as classes.*

A resposta é clara e está contida na propria definição de homogenização de classes.

Homogenizam-se as classes justamente porque nem todos os escolares têm a mesma capacidade intelectual, as mesmas

aptidões, e, pelo contrario, entre as crianças, como entre os adultos, as diferenças individuais chegam a ser extremas.

Para melhor sentirmos a necessidade da homogenização de classes, tomemos um exemplo muito comum aqui mesmo entre nós.

Consideremos uma classe composta de alunos cujas profundas diferenças individuais não passam despercebidas aos olhos do professor.

São 25 alunos. 1/5 deles raciocina facilmente um problema, faz com presteza as quatro operações fundamentais da aritmetica, interpreta facilmente um trecho de leitura, etc.; são os alunos bons da classe. Dos outros, 10, apesar do horror que têm ao calculo, vão lendo com facilidade e interpretando a leitura, gostam da geografia, da historia, do ensino objetivo, etc. Os outros são, porém, uma negação. Meninos que, á proporção que o ano decorre, mais se distanciam dos outros no proveito intelectual, e tornam-se a causa das desordens na aula pois não lhes interessam o que a professora explica, porque eles nada comprehendem.

Entretanto, o programa é o mesmo para todos e a obrigação do professor é fazer que, no fim do ano, tenham esgotado o programa e mostrem aproveitamento.

Vejamus como se avém o pobre mestre em tal emprêsa: ou retarda a marcha de aquisição de conhecimentos dos alunos bons, para alcançar dos outros alguma coisa, ou então (e este é o caso mais frequente) segue com aqueles pela longa estrada dos minuciosos programas escolares, desejoso que ao menos aquele grupo prove o seu trabalho durante o ano.

Ora, os prejuizos e inconvenientes deste sistema estão aos olhos de todos.

Si o mestre age desta maneira, apenas a minoria aproveita; e o seu trabalho que foi insano com os 25 alunos, sómente apresenta um resultado minimo, tendo sido desperdiçado com o resto da classe. Além disto, muitos dos retardados da classe, não o eram por deficiencia de inteligencia e sim por circunstancias accidentais, como a de terem cursado, no ano anterior, um mau colegio ou de, por motivo de molestia, não terem frequentado regularmente as aulas.

Ora, estes meninos, diante das dificuldades que encontraram nesta classe, perdem o gosto pelo estudo e até, ás vezes, criam horror a certas materias, como acontece frequentemente com a aritmetica.

Si, porém, agisse o mestre inversamente, procurando determinar a marcha das lições pelo aproveitamento dos menos inteligentes, os bem dotados perderiam com isto e o pobre professor passaria pela decepção de ver terminado o ano letivo sem ter chegado ao fim dos programas, incorrendo, portanto, na censura dos dirigentes da instrução.

Qual o meio de solucionar este problema tão importante para o mestre, para o aluno e para a propria sociedade?

Não se tornaria mais facil e mais proveitosa essa tarefa si os alunos de uma mesma classe tivessem, tanto quanto possivel, o mesmo nivel intelectual?

E foi assim que surgiu a idéa da homogenização das classes; e é assim que se justifica a aplicação desse auxilio do mestre na escola renovada.

* * *

Temos agora a questão: *como homogenizar uma classe.*

Até aqui, a base para a seleção das classes tem sido a marcha do desenvolvimento intelectual do aluno, ou seja a sua capacidade intelectual expressa pelo Q. I.

Querendo homogenizar uma classe de alunos do 1.º ano, por exemplo, temos que aplicar um teste de inteligencia global, coletivo ou individual, sendo mais pratico aplicar-se o coletivo, deixando-se para uma experiencia individual os casos duvidosos ou de resultado muito inferior.

Em geral, esta aplicação de teste individual faz-se com o de Binet que, no dizer humoristico do dr. J. P. Fontenele, é o "*Pateck Filip*", em cujo diagnostico devemos confiar, uma vez que tenha sido aplicado criteriosamente.

Depois de aplicado o teste, munidos dos resultados, comprovados os casos duvidosos com o teste de Binet, poderemos distribuir os anos em classes homogeneas, da seguinte fórmula:

Si forem 90 alunos, por exemplo, é quasi certo que poderemos dividi-los em três classes: classe A, classe B e classe C.

Na primeira, segundo a análise estatistica dos testes, ficam o alunos fortes do Q. I. superior; na classe B, ficarão os medios, e os de Q. I. inferior serão os da classe C.

O 1.º ano, portanto, constará de três classes.

E preciso notar, porém, que esta homogenização tem um carater provisorio, ficando á observação do mestre o encargo de reforma-la no decorrer do ano. E isto é bastante justificavel, pois todos nós sabemos quanto é incerta a marcha de adiantamento intelectual das crianças, mormente das crianças de 6 a 8 anos de idade, como as do 1.º ano primario.

Umam revelam, a principio, precocidade de inteligencia e depois estacionam ou, pelo menos, perdem esse ritmo acelerado no seu desenvolvimento intelectual; outras, ao contrario, mostram-se *embotadas*, a principio, porém, no 2.º semestre já revelam vivacidade intelectual. E assim, uma variedade de casos outros que só a observação do mestre pode descobrir, e, por isso mesmo, a ele compete, ou deve competir, fazer estas alterações para manter a homogeneidade na classe que lhe é confiada.

Disse, de começo, que esse criterio dos testes psicologicos para a seleção de classes é o mais usado. Disse assim, porque

outros processos são empregados para a homogeneização, quando se consideram outros elementos além do Q. I. de cada aluno.

E os outros processos têm a sua razão de ser, quando se leva em conta a frase do grande psicólogo americano, Terman, que diz: "a criança é mais que inteligência".

Mas não quero falar sobre processos que nos sejam mais difíceis de realizar. Vamos ficar com a opinião de d. Helena Antipoff que diz: "constituindo a criança, antes de tudo, um ser em evolução, o grupamento de acôrdo com a sua marcha evolutiva e as etapas biopsíquicas por ela atingidas, seria, talvez, o melhor criterio para tal seleção".

Por isso, aceitemos a opinião de poder o mestre, segundo sua própria observação, alterar a homogeneização feita de acôrdo com o diagnostico dos testes psicologicos.

Poderia ainda, respondendo á questão — como homogeneizar uma classe — estender-me mais um pouco; quero, porém, poupar-lhes o desprazer de me ouvirem por mais tempo.

* * *

Respondamos agora: *para que homogeneizar as classes escolares?*

A resposta já foi percebida por todos, pois, conhecidas as necessidades da homogeneização das classes, conhecemos que foi para suprir estas necessidades que assim se procedeu.

E foi sobretudo para obter maior aproveitamento por parte dos alunos e menor desperdicio dos esforços do mestre.

E isto se vê, considerando-se como é de vantagem o ensino individual e como, pela homogeneização das classes, se tende á individualização do ensino.

Quero dizer que, tendo os alunos de uma classe, mais ou menos, a mesma capacidade de aquisição de conhecimentos, a tarefa deste professor se torna semelhante á daquele que ensinasse a um unico aluno. E o proveito da classe é maior, por não perder tempo o mestre com explicações mais minuciosas, como seria preciso, no caso de haver alunos menos inteligentes.

O que tenho dito a respeito de homogeneização das classes e dos proveitos que dela se obtém, não são apenas teorias. Os dados estatísticos obtidos com os resultados das experiencias feitas em Minas, S. Paulo e Rio, provam de maneira sobeja os proveitos que se podem obter na escola, homogeneizando as classes.

Ha quem conteste o valor deste sistema de solucionar os alunos em classes homogeneas.

Kilpatrick é de opinião que a seleção dá aos meninos bem dotados um sentimento de orgulho e vaidade, fazendo que confiem em si mesmos e não descurem dos estudos, ao mesmo tempo que os rudes desanimam e se sentem humilhados. Além disto, diz ele, que a classe homogeneizada é um ambiente artificial, que

o menino jamais encontrará na vida um tal ambiente, pois, na sociedade conviverá com elementos de individualidade bem distintas da sua.

A objeção de que os meninos bem dotados se sentirão vaidosos, se distroie e uma vez que sómente o mestre saberá do Q. I. dos alunos, sendo obrigado a guarda-lo sob sigilo profissional

E, a respeito do desanimo tido pelos menos inteligentes, onde o sentiriam mais? Numa classe em que todos os colegas são apenas capazes de fazer o que eles fazem, ou numa outra em que o trabalho dos mais inteligentes mostraria claramente a sua inferioridade?

Sobre o caso de ser a sociedade composta de individuos extremamente diversos sob qualquer ponto de vista, não quer isto dizer que, na vida, nos procuramos chegar daqueles que mais diferença fazem de nós. Pelo contrario, procurámos sempre unirmo-nos áqueles que mais se nos assemelham, principalmente no intellecto.

E, dados os resultados obtidos com a homogenização das classes escolares, em todos os paises onde se tem feito este trabalho, só ha motivos para utilizarmo-nos dele como poderoso auxiliar do professorado, e, de modo particular, do professorado primario.

CIRCULO DE PAIS E MESTRES

DO GRUPO ESCOLAR "DUARTE DA SILVEIRA".

Discurso proferido pela professora Silvia de Pessôa por ocasião da sessão inaugural — realizada no dia 22 do corrente mês :

Ilmo. Sr. Diretor do Ensino Primario,
Sr. Inspetor Técnico,
Sr. Diretor do Grupo "Duarte da Silveira",
Meus senhores e colegas:

Esquivei-me o quanto pude de enfrentar esta seleta assembléa. O dever e a obediencia porém, falaram mais alto e tive de baixar a cabeça ás ordens do mui digno diretor deste grupo.

Sinto-me deter sem forças para proseguir, como fragil barco que se debate denodado e inutilmente contra as procelosas vagas do oceano da ciencia, sem encontrar no horizonte do saber, terra onde aportar.

Morre a esperança a par da minha obscuridade e nessa desoladora emergencia, espero que sejais tolerantes e benevolentes em ouvir-me.

Toda reunião senhores, tem a sua razão de ser. Esta que ora nos aconchega sob o mesmo teto, tem uma finalidade dupla; primeiro a criação da caixa escolar deste grupo de que vos falou o seu mui digno diretor; segundo, o fim especial de promover a aproximação da escola com a familia e adapta-la ao meio social.

Nos tempos presentes em que evoluem de modo admiravel a instrução e a educação propriamente ditas, faz-se mistér a cooperação da familia nesta obra primordial que é a alma palpitante de todos os povos e as esperanças das novas gerações.

A exemplo do que se vem realizando em muitos países estrangeiros e nos estados da Republica onde mais se tem difundido o ensino, como no Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e outros, achou a Ilustrada Diretoria do En-

sino Primario na Paraíba, que deveria alargar a sua ação congregando os Pais e Professores da nossa terra para que juntos podessem trabalhar pelo progresso da escola, não só sob o ponto de vista educacional como sob o ponto de vista disciplinar e higienico e tudo mais que podesse concorrer para o aproveitamento geral dos nossos educandos.

De todas as partes surgem idéas e sustentam-se debates em pról da remodelação social por meio da escola. Neste certame do saber empenham-se notaveis cientistas, pedagogos e sobre tudo aqueles que trazem nas mãos as redesas diretrizes da educação popular. Desta sorte determinou a mesma Diretoria do Ensino, presente a esta solenidade a criação nos diversos grupos deste Estado, do Circulo de Pais e Mestres, o que vem realizar-se hoje neste grupo com a vossa assistencia.

Nesta sociedade como já deveis compreender, se inscreverão os pais de familia e os professores de seus filhos, em cada grupo escolar, com o fim de melhor se conhecerem e aliar-se em num só ideal. Desse modo, da congregação em apreço provirá, estou certa, um interesse mutuo para o bem coletivo.

E' necessario que a familia conheça de perto o valor e a situação moral da escola primaria, para que possa a escola geralmente falando, contar com o apoio e cooperação direta dos Pais na obra grandiosa da educação e da formação física, moral, intelectual e religiosa dos seus escolares.

O auxilio da familia far-se-á sentir, não só no interesse dos pais em procurar a escola para os seus filhos, mas também na assiduidade das creanças em frequenta-la, no amôr ao cumprimento do dever, no civismo, no respeito aos superiores, emfim na realização dos seus mais simples atos.

Senhores, o raciocinio mostra a necessidade e a utilidade da escola que acolhe a todos sem distinção de classes e condições sociais, sem antipatias e despeitos.

E' preciso combater o erro dos que vêm mal a escola e por isso se descuram da educação da infancia.

O mestre, deveis compreender esta verdade, é para os seus alunos todo carinho, amôr, interesse e abnegação.

A escola é a mãe carinhosa, que não sabe fazer injustiças. Ela ensina, corrije e orienta tendencias, sustem os trôpegos, auxilia os fracos e faz progredir os fortes.

A escola sabe, é a continuação do lar.

O lar e a escola, os pais e os mestres, devem se confundir nos mesmos deveres e nos mesmos direitos.

Nada deve haver de novo na escola onde os mestres substituem os pais absorvidos nos labores da vida, e como profissionais cumprem a nobre missão de transmitir conhecimentos, de amparar e desenvolver as inclinações naturais para formar o carater do homem futuro.

O "Circulo dos Pais e Mestres", deve derramar na es-

cola um sentimento de solidariedade que conduza o caminho da fraternidade perfeita.

A escola por sua vez deve ser integra na ação educativa e para esse fim é valiosa a cooperação dos pais a quem é dada a missão de informar ao professor tudo o que diz respeito aos seus filhos.

Para que seja perfeita a ação escolar é preciso que exista nela uma corrente inquebrantável formada por três entidades : pais, mestres e medico.

Os pais são o portavoz dos educandos sobre o estado físico moral e intelectual; o professor afigura-se o interessado, intermediario e realizador; o medico, é o vigia constante que vela, pesquisa e ensina os meios profiláticos, sanitarios e terapeuticos.

A familia e a escola, repito; devem se agregar para que possam atuar harmoniosamente sobre os alunos assim como o medico e o professor se devem aliar, para que, dentro dos moldes científicos, possam realizar a alta e promissora finalidade da moderna educação.

Mui dignos pais, congreguemos as nossas forças para que possamos amanhã ser vitoriosos na valorosa obra da educação e não precisamos dizer com Senéca, o grande filosofo da antiguidade : *"Muito pouco se fez em comparação com o muito que resta fazer"*.

Commenius, afirma que : *"Uma sabia educação é o melhor remedio contra a corrupção do genio humano"*.

Procuremos pois realizar essa ideal educação num auxilio mutuo e teremos irmãmente cumprido o nosso sagrado dever.

SOCIEDADE PERNAMBUCANA DE EDUCAÇÃO

A Sociedade Pernambucana de Educação, cuja existência data de junho de 1930, é o órgão de classe do magisterio primario de Pernambuco e tem sido muito util ao desenvolvimento educacional desse Estado.

Tendo por fim o conagraçamento do professorado primario pernambucano em torno dos idéais que orientam hodiernamente a escola, a S. P. E. tem cumprido á risca o programa que traçou, não só difundindo entre os seus associados educativos, como estendendo essa difusão ás classes populares, afim de que a Escola Nova atinja, em Pernambuco, o seu *desideratum*.

Daí, a simpatia que gosa no seio daquelles que se interessam pelos problemas educativos, simpatia esta que se estende a outros Estados da Federação Brasileira.

Salienta-se, ainda, a colaboração que ela vem prestando á actual direcção do ensino de Pernambuco, concorrendo, assim, para o maior soerguimento da politica educacional do visinho Estado.

Possuindo em seu quadro social os elementos mais representativos do magisterio pernambucano, a S. P. E., integrada na sua verdadeira finalidade, tem realizado nesse periodo de sua existência as mais promissoras realizações, que deixam bem patente o quanto essa Sociedade tem trabalhado pelo desenvolvimento técnico do ensino, incentivando o professorado a acompanhar a evolução que ora se opera na educação e a trabalhar com maior afinco em prol da Escola Nova.

Além das reuniões quinzenais em que os socios se reúnem para leitura de teses sobre assuntos relacionados com a Escola Renovada, a S. P. E. levou a efeito a "Semana de Educação", instituiu o "Dia do Professor", fez-se representar por seus delegados profs. José Vicente Barbosa e Dioclecio Cezar, na IV Conferência Nacional de Educação, realizada no Distrito Federal em 1931, apresentando uma tese sobre "As grandes diretrizes da Educação Popular", que logrou franco elogio do relator, sr. Leoni Kaseff.

Representou-se também pela profa. Consuelo Freire, no

V Congresso de Educação, realizado em 1932, no Rio de Janeiro, bem como na "Semana Pedagógica" realizada neste Estado, pelo seu presidente prof. José Vicente Barbosa.

Por ocasião da "Semana de Educação", a S. P. E. inaugurou a sua Bibliotéca de cultura geral e de cultura técnica especializada, levando também a efeito a visita coletiva dos educandos a outros estabelecimentos de ensino, promoveu uma série de conferencias pedagogicas, delas se encarregando, os drs. Ulisses Pernambucano de Mélo, diretor do Instituto de Psicopatas e lente da Faculdade de Medicina; Costa Pinto, professor da Faculdade de Medicina e diretor do Ginasio Pernambucano; Bezerra Leite, advogado; o professor José Vicente Barbosa, Dioclecio Cezar e Alzira Breuel, inspetores escolares; Eulalia Fonsêca e Zulmira Almeida, diretora e professora da Escola de Aplicação.

Dentre os assuntos que têm sido discutidos nas reuniões quinzenais, temos a destacar os seguintes temas: "Metodos de projetos", "A nova Escola Russa", "Metodos ativos", "Fadiga mental", "Instituições escolares", "Centro de interesse", "A Escola Nova", "A familia e a escola", "Os novos metodos de educação fisica", "A escola nova e as leis de evolução psicologica", "Organização escolar da Belgica", "O metodo analitico no ensino da leitura", etc.

Ao par dessas realizações de fim intelectual, a S. P. E. não se descurou do prestigio e da defesa dos interesses da classe, haja visto a instituição do "Dia do Professor", que obteve o mais franco e decidido apoio da opinião pernambucana, não se esquecendo também de promover festas e reuniões elegantes para o professorado, como aconteceu este ano com o chá-dansante realizado no Clube Internacional de Recife, e o "Chá da Cordialidade que teve logar em suas reuniões semanais.

E, a todas essas iniciativas, não tem faltado o apoio e prestigio por parte do atual governo de Pernambuco, sendo de salientar a atuação do dr. Anibal Bruno, diretor técnico da Educação, assim como a colaboração da imprensa que tem aplaudido com entusiasmo, todas as realizações da referida sociedade.

Este ano, entre as iniciativas da S. P. E., salienta-se o concurso prestado durante o estagio dos professores do interior, tendo a referida sociedade levado a efeito, no decorrer do mesmo, a "Semana de Conferencias" que logrou consideravel exito.

Durante essa semana, realizaram conferencias pessoas de destaque nos magisterios pernambucano e paraíbano, como: professores Silvio Rabêlo e Estevão Pinto, da Escola Normal e do Ensino de Aperfeiçoamento; Olivio Montenegro, do Ginasio Pernambucano e Escola de Aperfeiçoamento; Sizenando Costa,

do magisterio paraibano; dr. Aurino Maciel, da Escola Domestica, e dr. Renato de Farias, da Sociedade de Agricultura.

Culminou essa semana com a inauguração, no "DIA DO PROFESSOR", da nova sede da S. P. E. que está, atualmente, magnificamente instalada.

Eis, em linhas gerais, o que tem sido a vida dessa sociedade do professorado pernambucano, cuja projeção é bastante conhecida naquela e em outras unidades da Federação.

A atual diretoria da S. P. E. está assim constituída: prof. José Vicente Barbosa, presidente; d. Helena Pugô, vice-dito; d. Zulmira de Almeida, secretaria geral; d. Consuelo Freire, 1.ª secretaria; d. Amelia da Ressurreição Oliveira, 2.ª secretaria; d. Alzira Brouel, tesoureira; d. Maria da Conceição Tavares, bibliotecaria; prof. Dioclecio Cezar, diretor do Arquivo da Revista.



SEMANA PEDAGOGICA

Teve lugar no dia 24 de outubro do ano proximo findo a instalação da primeira "Semana Pedagógica" realizada em o nosso Estado.

O referido certame foi inaugurado ás 14 horas com a abertura de uma concorrida exposição de trabalhos e prendas, executadas pelos alunos desta capital e de alguns municipios do interior.

Compareceram ao áto o exmo. sr. Interventor Federal, o dr. Argemiro de Figueirêdo, secretario do interior, sr. Borja Peregrino, governador da cidade, autoridades civis e militares.

As Companhias Editora Nacional e Melhoramentos de S. Paulo expuzeram na mesma, valiosas obras didáticas de literatura pedagogica e material de ensino.

Pelas 19 horas de todos os dias da referida semana, fôram realizadas palestras educativas, por técnicos do ensino da Paraíba e Pernambuco, especialmente convidados pelas autoridades do ensino para tomarem parte na aludida semana.

Para essa reunião fôram convocados todos os inspetores do ensino e diretores de grupos da capital e do interior.

Uma harmoniosa orquestra sob a direção do prof. Olegario de Luna Freire se fez ouvir durante as sessões noturnas.

Fôram os seguintes os embaixadores pernambucanos que tomaram parte na "Semana Pedagógica": professora Eulalia Fonsêca, diretora da Escola de Aplicação e catedratica da Escola Normal Oficial de Recife; professores Alzira Breuer e José Vicente, inspetores do Ensino.

No dia 30 de outubro, o ultimo da Semana Pedagógica, os professores de Pernambuco e Paraíba reuniram-se em um almoço que se efetuou no Paraíba-Hotel.

Estava reservado para o encerramento um chá de cordialidade a efetuar-se no Grupo Escolar "Dr. Tomás Mindêlo" entremeiado por bailados, audições musicais e declamações.

Esta parte do programa foi porém prejudicada pelo desaparecimento inesperado da professora Eulalia Cordeiro, lutando assim o magisterio.

O penultimo dia da Semana foi reservado a uma romaria dos professores paraibanos e pernambucanos ao Cemiterio do Senhor da Boa Sentença e numa manifestação eloquente de saudade depositaram flôres nos tumulos do Interventor Antenor Navarro e professor Batista Leite diletos amigos da nossa Instrução.

Falaram nessa ocasião, no tumulo do dr. Antenor Navarro o prof. João da Cunha Vinagre presidente da Sociedade dos Professores Primarios, e no do professor Batista Leite o prof. Mario Gomes, inspetor técnico do Ensino.

Publicamos hoje varios trabalhos lidos na "Semana Pedagogica".



LEITURA ANALITICA

(Palestra proferida pela inspetora pernambucana Alzira Breuel)

Caros colegas.

Se Pernambuco tem ingressado sem alardes e com certo brilho nos domínios magníficos da Escola Nova, a Paraíba pequenina e heroica, que nos tem dado as mais belas lições de civismo, não ficou na retaguarda e ao nosso lado como irmã carinhosa e bôa que é, caminha avante, levada pelo seu desenvolvimento material e sobretudo mental. ✚

O Norte desperta ao som de clarins anunciadores de uma vitória que simbolisa uma época. O Norte prevê um integral soerguimento do Brasil e compreende que a educação do povo será o alicerce da obra gigantesca que deslumbrará o resto do mundo civilizado.

Seus governantes, homens de capacidade comprovada, compreendem e asseveram mesmo que para os prenúncios desta vitória que se nos afigura fantástica a escola primaria desempenhará um papel importantíssimo. Eu quero ter a inteira alegria de repetir a frase de um grande pedagogo, frase que ficou gravada em meu cérebro, desde os tempos colegiais.

“Aquele que é o mestre da educação é o senhor do mundo”.

Eu vos digo ainda — A Escola surge nestes últimos tempos em quasi todo o seu esplendor, revelando-nos que ninguém



Professora Alzira da Fonsêca Breuel

poderá prescindir do seu concurso valiosissimo. Compreende-se, para nossa felicidade, a alta finalidade da educação primaria. O professor deixa de ser o heróe anonimo, o tecelão tristonho de idéais mal compreendidos, o professor deixa de ser o ponto para onde se convergem todas as criticas; ele readquire a personalidade; crê no renascimento de suas aspirações; agita-se com desenvoltura no meio social em que vive e sente-se orgulhoso de ser o melhor soldado da patria. Defende-a com a galhardia de sua palavra amiga, dignifica-a, engrandece-a, lapretando cerebros brasileiros. A escola primaria crê na criança, crendo por conseguinte no futuro do Brasil e prepara-a para a vitoria final desvendando-lhe gradualmente as maravilhas de um seculo de luz. A Escola Nova! Teremos muitas etapas a vencer, haverá em meio á estrada espinhos, mas, a nós professores brasileiros está reservada a tarefa de traçarmos um roteiro para os vindouros auxiliando assim a completar o programa da Nova Republica na obra da reconstrução nacional.

* * *

Colegas paraibanos.

Não vale a pena cançar a vossa atenção, detendo-me em considerações em torno de tão magno assunto.

Com prazer tomo parte em vossos trabalhos pedagogicos. E' provavel que dr. Anibal Bruno — diretor técnico da Educação, em Pernambuco, errasse quando me escolheu para cooperar convosco durante a Semana Pedagogica que tem sido vencida brilhantemente.

Mas errou concenciosamente.

Ele sabia que entre vós meu coração seria paraibano porque é bem brasileiro e que se o cerebro não produzisse cousa boa pelo menos o coração ditaria algo que satisfizesse em parte, vossa expectativa.

Aqui estou com um trabalho pequenino, escrito as pressas e com falhas imperdoaveis. O assunto que escolhi apesar de conhecido, é sugestivo e bem interessante.

O campo é vastissimo para uma dissertação longa, entretanto minha palestra será a mais resumida possivel. Estender-me no assunto seria importunar vossos ouvidos.

LEITURA ANALITICA

A preferencia pelo metodo a adotar no ensino de leitura tem preocupado seriamente os mais modernos educadores, os mais estudiosos pedagogos. Nestes ultimos tempos toda a atenção do professor está voltada para esta disciplina que é a base dos demais conhecimentos. João Kopke opina que o ensino de leitura é o introito obrigado para o ensino literario. Ora, é na literatura de um povo que nós conhecemos o grau de inteligencia desse povo, o seu espirito de observação, etc. Sendo assim é logico que procuremos melhorar os processos de ensino para

que possamos desenvolver, cuidadosamente, as faculdades psíquicas de cada educando. Não será no ensino da leitura que este dever exige de nossa parte a maior sôma de interesse? Disse um notavel educador: "E' preciso que se respeite a tuloia psiquica do educando — volição, sentimento e intelligencia — o livre desabrochar de sua individualidade".

Eis, em resumo, as bases da Escola Nova.

Agora pergunto. O ensino que se inicia, pela decoraçào do alfabeto, pela silabação, não irá de encontro aos rigorosos principios da psicologia? A aprendizagem da leitura pelo metodo sintetico ou pelo metodo fonico de que tanto se orgulhava a Escola Antiga, não fará muitas vezes do aluno um automato? Respeitará as suas tendencias? Despertará seu interesse? Observará a sua curiosidade? Está bem claro que o velho metodo deve ser modificado porque é logico que o aprendizado puramente mecanico faz, quase sempre, da criança uma maquina reproductora de sons, torna-a incapaz de vencer as dificuldades, que lhes surgem a cada passo, força-a a aceitar muitas e muitas vezes as divagações que lhe subtraem de todo o interesse de ir ao desconhecido para responder o porque de algo que lhe despertou a curiosidade. A Pedagogia está tão estreitamente enlaçada á Psicologia, que uma é o complemento da outra. Como no ensino da leitura é que se fundamenta os demais conhecimentos, o mestre consciencioso procurará satisfazer as exigencias da Psicologia tão unida á Pedagogia. Já o disse um mestre:

"A percepção é a primeira fase da intelligencia e naturalmente a educação ha de começar pela cultura das faculdades perceptivas". :

Introduzido ha poucos anos em nossas escolas o metodo analitico sintetico é o unico que se não afasta dessas duas ciencias que se completam.

Ele está baseado em principios rigorosos de Psicologia. Vejamos em primeiro lugar, teoricamente, estes principios:

I "Os elementos comuns invariaveis em percepções diferentes tendem a ser objeto de consciencia distinta".

II "Os elementos que variam em cousas semelhantes tendem a ser objeto de consciencia distinta".

III "Analisam-se em uma percepção tantos elementos quantos já alguma vez analisados em percepções diferentes".

Estes principios estão vagos. Irei esclarece-los por meio de graficos e alguns exemplos de um professor paulista.

.....

Apliquemos estes principios na pratica do ensino analitico.

Conversemos com as crianças sobre alguma cousa interessante; aproveitemos com habilidade algo que lhe despertou a curiosidade; mostremos aos nossos pequeninos alunos uma gravura sugestiva e façamos com que formem sentenças que o giz por nosso intermedio irá reproduzindo no quadro negro.

A criança, naturalmente, sentir-se-á feliz porque deixamos evidente que o seu esforço é bem aproveitado.

Afirma um notavel educador: "A persuasão do proprio valor é condição essencial de sucesso".

A professora escreverá no quadro negro as sentenças formadas pelas crianças, que naturalmente pelas leis da analise destacam com facilidade as palavras, elementos que não variam nas sentenças diferentes. As palavras fixar-se-ão no espirito das crianças de modo indelevel pela sua imagem grafica visual. Pela simples imagem fonica auditiva a criança adquire certo vocabulario antes de entrar na escola. Se o sentido visual tambem entra em jogo, claro está, que o reconhecimento do vocabulario conhecido pela força de repetição, gravar-se-á indelevelmente em seu espirito. Entretanto para que o resultado seja vantajoso e haja de fato um real progresso, tornar-se-á necessario que a classe seja homogenea e opino para um numero limitado de alunos numa classe; 30 no maximo para que a professora possa tomar a sentença como um todo para a analise.

Numa classe numerosa, de 40 a 50 alunos, sua aplicação, em parte, fica sacrificada.

Para tornar a classe homogenea nós temos o precioso concurso da Psicologia experimental que tem um logar de relevo na Escola Nova.

Em Recife, o Instituto de Psicologia e a Escola de Aperfeiçoamento têm conseguido solucionar, em parte, o problema, procurando com o concurso da técnica moderna avaliar a capacidade de cada educando fazendo experiencias bem interessantes em tôrno do importante assunto buscando os meios mais eficazes de resolver o serio problema da desarmonia mental existente entre alunos de uma mesma classe, nos grupos escolares. A classificação pela idade mental, é verdade, só poderá ser organizada por técnicos.

Em Recife, o numero de especializados é muito limitado sómente este ano conseguimos tornar as classes homogeneas na Escola de Aplicação, na Escola Experimental e no grupo Escolar "Maciel Pinheiro", este ultimo obteve o concurso valioso de elementos que trabalham no Instituto de Psicologia sob a direção do provector mestre dr. Ulisses Pernambucano.

Em geral as classes são heterogeneas quanto a idade mental, daí talvez o desanimo da professora para aplicar rigorosamente o metodo analitico em sua classe que, conta quasi sempre, com um grande numero de alunos.

Entretanto ha um outro fator de grande importancia — da habilidade do professor depende o progresso rapido e firme do ensino da leitura pelo metodo analitico.

Aqui termino, pedindo-vos desculpas. Se não satisfiz a vossa expectativa a culpa cabe exclusivamente a mim que não tive o cuidado de tirar a ferrugem do meu pobre cerebro.

SOCIALISAÇÃO ESCOLAR

(Palestra proferida pelo inspetor pernambucano José Vicente Barbosa.)

Exmas. senhoras, meus senhores e prezados colegas.

Encerrámos, ha poucos dias, em Recife, o estagio dos professores do interior de nosso Estado, realizando no decurso do mesmo, demonstrações técnicas sobre educação, exposições, conferencias, etc.

Dentre os Estados que concorreram áquele certame, destacou-se a Paraíba, cuja representação, pelo valor de seus elementos componentes, estabeleceu logo um tal vinculo de confiança e simpatia que, certamente, muito ha de concorrer para firmar o intercambio em materia de educação entre os dois Estados, cujos valores civicos se confundem e se exaltam, ás vezes, numa historia comum.

E', portanto, com o mais justo contentamento que Pernambuco manda-nos retribuir a vossa gentileza, oferecendo-vos a nossa modesta colaboração á obra de reorganização que empreendeis com tanta fé, inteligencia e entusiasmo.

A minha presença nesta tribuna onde parece luzir ainda o fulgor dos espiritos daqueles que me precederam, vem, porém, quebrar o ritmo da inteligencia que tem presidido as vossas reuniões.

Entretanto, sómente a vós que dirigis, aqui, este movimento de renovação pedagogica, cabe parte do insucesso da noite de hoje.

Sêde, porém, indulgentes para comigo e, ouvindo-me, vos creditareis por mais esta divida de gratidão.

O movimento renovador que ora se opera na educação, deslocou da Pedagogia, atribuições que melhor se ajustam, hoje, na sociologia educacional e, em face da verdade dos fatos, verificamos que as idéas socialisadoras empolgam toda a organização educativa.

A criança realiza o seu aprendizado em colaboração, por meio de equipes, praticando o ensino associativo.

E porque essa influencia social se manifesta tão intensamente nos diversos aspectos educativos, senão porque a escola atual integrada na sua finalidade, procura, justamente, atingir o objetivo da vida que o aluno terá de viver amanhã.

E, se na vida, ninguém pôde isolar-se da comunhão em que vive, dispensando o trabalho alheio e fugindo a prestar os seus serviços em troca dos daquele, sob pena de se alterar o ritmo social, da mesma forma na escola, os alunos não podem fazer obra isolada.

A cada passo, eles são forçados a recorrer á colaboração, não só no ambiente escolar, como no meio social, cuja articulação se torna cada vez mais imprescindível á atual obra educativa, a fim de que a escola possa acompanhar ás incessantes transformações que se operam na sociedade.

Tudo se transforma e evolue, impulsionando por esse dinamismo que deve empolgar, também, a obra da educação, que se reconstrói, preparando sempre material para sucessivas readaptações, na certeza dessa mobilidade constante pois, no dia seguinte, tudo será diferente, mesmo porque, não sendo eternas as leis que regulam os fatos sociais, estes devem acompanhar a evolução natural da ciência

Abalada a ordem social, a família muda os seus hábitos e os seus costumes, a comunidade altera toda a sua organização e, como em ciência, os fatos sociais são resolvidos á luz da experiência.

A velha ordem pre-estabelecida e imposta, como se os fatos sociais se reproduzissem em ordem cronológica, é afastada e o homem procura beneficiar-se disso, reconstruindo o meio social nos moldes das transformações que se operam na civilização atual, calcada no processo do julgamento e da experiência.

Para John Dewey, o fim da educação não é só vida completa, como queria Spencer, mas "vida progressiva, vida em constante ampliação e em constante ascensão".

A escola nova não visa, sómente, como a antiga, um preparo acessível á época que passa, mas induzindo o aluno a investigar e a resolver por si os seus problemas, prepara-o para um futuro imprevisível, por isso mesmo que, mudando constantemente as condições da vida, graças ao desenvolvimento das ciências e sua aplicação á vida humana, a visão do homem sobre ela também se transforma e aperfeiçoa.

Daí, a necessidade que tem a escola de integrar-se na sua finalidade, aplicando as bases científicas á técnica da educação. E a moderna interpretação da escola, encara-a como um órgão coordenador de toda a ação educativa, tendo a educação como a socialização da criança! De fato, se "as necessidades do indivíduo se compreendem através das da sociedade ou que ele vive" como estão acórdes os educadores modernos, a escola que visa e prepara o aluno de acórdo com as condições mesológicas, deve procurar adapta-lo ás necessidades de uma nova civilização, aus-

cultando sempre, as modalidades do ambiente social, donde o aluno provem.

Outrora, quando a escola ainda se orientava por um regi-



Professor José Vicente Barbosa

men rígido e uniforme, obedecendo os seus trabalhos a um caráter individual, já era considerada como um meio de transição

entre a família e a sociedade, isto sem duvida, pelos primeiros contactos que a criança experimentava no ambiente extranho ao do lar.

Entretanto, nessa época, a escola, divorciada da família, não procurava obter a sua colaboração, nem tão pouco, melhor orientada fazia o ensaio da vida que o aluno iria viver lá fóra.

A escola nova, vencendo, porém, todas as dificuldades e afastando os empecilhos oriundos do tradicionalismo e orientada pelos idéais sociais, procura uma organização pratica, capaz de solucionar os problemas pedagogicos e sociais que se devem completar, uma vez que constitue um dos objetivos da moderna orientação pedagogica, a adaptação da escola á realidade social.

E, se o fim da escola é tornar o aluno capaz dessa vida progressiva e sempre em via de transformação, ela tem necessidade de faze-lo sentir toda essa influencia social, de modo que ele possa servir-se daquilo que praticou durante todo o tirocinio escolar, como reagir sobre o meio, dada a facilidade que a escola lhe proporcionou de exercitar todas as suas atividades.

A escola deve ser, portanto, um pequeno meio social onde o aluno encontre elemento para viver plenamente, adaptando-se sempre, ás multiplas transformações da vida moderna pois, como diz Anisio Teixeira "só por meio da socialização, poderá a escola fornecer á criança, habitos morais e sociais, capazes de integralli-a-la, amanhã, no meio dinamico e flexivel que nos oferece a vida hodierna".

Nos paises onde os assuntos pedagogicos são tratados com todo o interesse, o aprendizado social na escola, já tem realizado os maiores progressos.

Os Estados Unidos, por exemplo, que são um dos vanguardeiros da nova educação, já tem realizado através de sua educação social democratica, um vultoso trabalho de sociologia aplicada á educação.

A Alemanha, a Belgica, a Suissa, a Austria e outros paises têm, igualmente, procurado dar um certo incremento á socialização escolar.

A Inglaterra, a precursora do movimento renovador da escola, máo grado a preponderancia de seu espirito de casta e de linhagem e, apesar de não ter procurado abordar uns tantos aspectos da nova educação, tem obtido nesse particular, resultados bem significativos.

As suas republicas escolares dão ao aluno, a noção concreta e exata do dominio de si mesmo e da autonomia democratica, ensinando-lhe a decidir-se em favor do bem coletivo, com prejuizo, ás vezes, de seus proprios interesses.

Aliás, a época atual não comporta outra educação que não seja plasmada num regimen liberal e onde se exercite a responsabilidade individual, o sentimento da dignidade e da justiça mas, onde haja, sobretudo, o interesse de trabalhar em beneficio da coletividade.

A educação democrática, como pretende Dewey, não exclue, porém, a educação individual.

Pelo contrario, agindo sobre a coletividade, ela atúa sobre cada um dos seus membros.

E, como a escola pode oferecer exemplos de ação em melhores condições do que o meio social, uma vez que ha, ali, um "meio homogêneo e equilibrado", não se encontrando, como na vida, as multiplas dificuldades que podem prejudicar a manifestação das primeiras atividades, torna-se mais facil a pratica das primeiras relações sociais, por isso mesmo que, na escola, poderá a criança ocupar o logar que lhe compete, podendo elevar-se e compreender a hierarquia social á qual irá, logo, se adaptando.

E assim considerada como uma pequena sociedade, onde se exercita a cada passo a solidariedade entre os alunos, despertam-se nos mesmos, a responsabilidade e a cooperação social sob os seus multiplos aspectos, resultando disso, o desenvolvimento das pequenas iniciativas escolares como: os *pelotões de saúde*, com o fim de formar habitos higienicos entre a coletividade escolar; *as ligas de bondade*, visando a pratica da educação moral; *os clubes literarios infantis* que despertarão entre os pequenos associados o amôr pelas letras, estimulando-lhes na aplicação ao estudo; *o intercambio escolar* que é um meio de aproximação e de permuta de trabalhos não só entre os alunos das cidades de um país, como até entre os das diversas nações que, por intermedio de seus pequenos correspondentes, tornam mais conhecidos a sua lingua, os seus costumes e as suas possibilidades economicas; *os bancos, as caixas-economicas e as cooperativas escolares* refletem bem o espirito social que deve caraterizar a escola atual e muito auxiliarão á sua organização interna pois, além de ser um laboratorio desse aprendizado, são instituições que contribuem, poderosamente, para a facilidade de aquisição pelos alunos, do material didatico usado na escola, acrescido tudo isso do aprendizado das diversas disciplinas, que essas instituições peri-escolares veiculam.

Demonstrando o quanto pode fazer o esforço coletivo, as cooperativas afastam o individualismo e, beneficiando as crianças, não as humilham, antes as incentivam ao trabalho em prol da comunhão a que pertencem.

O *pequeno escoterismo*, essa admiravel criação do notavel general Baden Powell, a quem Ferrière chama o mais illustre representante da escola ativa, fóra da escola propriamente dita e o qual tem por objetivo praticar a educação física, moral e civica, é tambem uma das instituições por meio da qual se verifica a eficiencia da socialização escolar.

Que se instalem e se multipliquem em vossos estabelecimentos do ensino, essas instituições que, integrando a escola na sua alta finalidade, fornecem aos alunos elementos capazes de proporcionar-lhes sucesso na vida de amanhã.

O ENSINO DE CALCULO NO JARDIM DE INFANCIA

(Palestra proferida pela professora
Alice Azevedo Monteiro.)

Sr. representante do Interventor Federal, sr. diretor do Ensino Primario, srs. inspetores técnicos, meus colegas, senhores:

Ha uma bôa dezena de anos pediram-me que escrevesse a minha divisa e eu escri esta: "cumprir o dever, fazer o bem". E' cumprindo o dever de obediencia a uma ordem do ilustrado pedagogista que imaginou e organizou a presente semana pedagogica, o sr. diretor do Ensino Primario que estou diante de vós. E' verdade que essa ordem veio enfeitada com os modos cativantes de convite, mas, um convite, um pedido feito com aquele suave geito de quem quer ser atendido, que em nosso illustre diretor tão bem revela o poder do mestre que sabe impôr a sua vontade, de quem sabe querer...

E... outra ordem houve: a de ser o mais pratica possivel...

Obedeci, aqui me tendes...

Doutro lado, o sr. inspetor técnico do Ensino deu-me a honra de convidar-me para colaborar na fabricaçào do material escolar que pretendia expôr à vossa curiosidade de estudiccos.

Permiti que antes de empregar diante de vós uma pequena parte desse material fabricado na Paraíba, por operarios paraibanos, para a demonstraçào pratica que aqui me trouxe faça uma ligeira digressão sobre o principio do metodo que vou estudar.

Desde os primeiros dias da revoluçào francêsa começaram as questões pedagogicas a interessar verdadeiramente a humanidade. Mirabeau, o admiravel tribuno francês, em 4 eloquentes discursos expôs entre outras medidas tendentes a proporcionar educaçào e instruçào ao povo, a criaçào de um liceu para o ensino superior em Paris, no qual deveria existir uma cådeira de metodologia.

Talleyrand, em relatorio, propôz a criaçào de varias escolas primarias, secundarias e superiores.

Condorset, apresentou um projeto dividindo o ensino em escolas primarias, secundarias, institutos, liceus e uma sociedade nacional de ciencias e artes. Propôz igualmente para melhorar a educaçào fisica o ensino dos jogos ginasticos. Pediu a criaçào de bibliotecas para o professor, obrigando-o á realizaçào de conferencias publicas para explicaçào e ensino dos metodos pedagogicos, leis e educaçào moral. Considerava um dever de justiça dos poderes publicos concorrer para o aperfeiçoamento fisico e mental do individuo,

tornando-o capaz de, pelo conhecimento dos seus direitos, bem cumprir os seus deveres para com a Nação. Aconselhava destruir a superstição, procurando concorrer pelo progresso intelectual para a igualdade tão desejada pelas classes inferiores da sociedade. Os legisladores da revolução francesa não conseguiram ver realizados suas idéas, mas, traçaram para a pedagogia uma nova era, criando um vasto e racional sistema de instrução publica.

Faltou-lhes tempo para a aplicação das suas idéas, mas, tiveram o merito de concebê-las e de gravá-las em leis. Os principios que hoje estudamos eles os formularam, as regras que passado um seculo procuramos pôr em pratica eles as decretaram.

Depois de Rousseau, Pestalozzi, o grande pedagogo suíço, foi o primeiro a procurar dirigir a educação para o exercicio livre das faculdades, segundo a natureza.

Dotado dum grande sentimento filantropico, Pestalozzi fundou um orfanato ao qual dedicava todo o seu tempo, pondo em pratica o seu plano de ensino. O carater geral de seu metodo é afastar a abstração e procurar em todas as cousas a intuição concreta e sensível. Foi o mestre de Froebel. Este conhecido filosofo e pedagogo alemão organizou uma escola especial para crianças pequeninas, a qual chamou **Kindergarten**, procurando nessa expressão corporificar as suas idéas sobre educação. O seu metodo basea no desenvolvimento de qualidades inatas na criança: observação, atividade, sentimento de personalidade. Justamente esta é a parte mais importante do metodo.

Que uma criança é capaz de desenhar, escrever, calcular, ou fazer ginastica, todos nós sabemos. O que, porém, deveremos saber é o modo de cultivar-lhe os sentimentos e o coração, de desenvolver-lhe o carater, de formar-lhe a personalidade moral. Despertar nestas criaturinhas em botão o amor ao belo, á natureza, ás cousas sãs da vida.

Dominar o egoismo, a preguiça, a inveja. Vigiar os arroubos exagerados de imaginação que muitas vezes conduzem á mentira. Desenvolver a bondade, o desprendimento, a fraternidade, o entusiasmo.

Um menino é moralmente o fruto do ambiente em que vive.

Os responsáveis pelo seu carater não são somente seus pais e mestres, mas, também, os servidores, os companheiros de brinquedos, os amigos, que o rodeiam até mesmo a paisagem, os moveis, os objetos e os animais que o cercam. E', portanto, uma tarefa delicadissima a de quem se propõe a realizar tal obra educativa.

A jardineira deve observar e guiar, vigiando cuidadosa e carinhosamente, com constancia e discreção, sem se irritar jamais.

Deve-se evitar as observações frequentes, que intimidam os pequenos. Usar mais expressões elogiosas pelas boas qualidades, que repreensões pelas más. A criança deve ter na mestra uma boa companheira de brinquedos e de estudo, a qual ama e deseja satisfazer e imitar. A jardineira não ensina regras; faz antes viver as causas que as produzem. Não pôde nem deve pensar em repousar. Não tem direito de ser triste ou de ter desgosto. Deve ter uma alma de 3 anos para viver entre companheirinhos da mesma idade... sem esquecer, no entanto, que se pôde respeitar e cultivar a personalidade sem desprezar a disciplina, base da educação.

Mme. Montessori, esta notavel medica italiana, foi assistente do cli-

nica psiquiátrica na Universidade de Roma. Assim teve ocasião de frequentar o manicômio, a fim de escolher os doentes para a clínica didática, interessando-se pelas crianças idiotas recolhidas no referido manicômio.

Fundou para os mestres da Roma um curso de conferências sobre a educação da criança, o qual ela depois transformou na Scuola Magistrale Ortofrenica. A essa escola anexou uma classe externa onde recolheu as crianças consideradas ineducáveis nas classes elementares, por insuficiência mental.

Em seguida fundou um Instituto Pedagógico, onde além de alunos externos foram recolhidos os idiotas do manicômio de Roma.

Aí, durante dois anos trabalhou à frente do estabelecimento, como uma verdadeira mestra.

Compreendeu em breve que se com o seu método conseguia tão grande resultado é que ele continha princípios de educação mais racionais, que os métodos até então usados, tanto assim que uma mentalidade inferior podia ser com ele desenvolvida. Pouco a pouco foi experimentando o mesmo método com crianças normais, adquirindo resultados maravilhosos e surpreendentes.

..*

Escolhi para a parte prática da minha exposição o ensino do cálculo. Os meninos recebem em geral com certa relutância o ensino do número, o que não acontece nos "jardins da infância". Isto me faz ver que não há propriamente dificuldade na matéria que se ensina, mas impropriedade no modo porque se ensina, isto é, no método, talvez mesmo no processo empregado.

Correspondi-me com antigos colegas, atualmente vivendo e exercendo o magisterio em São Paulo e que assim estão em condições de informar-me, com segurança, sobre a direção que ali se imprime a tão importante ramo do ensino.

Respondeu-me um deles: "conversei com um diretor de grupo, que me disse nada melhor haver que Montessori".

Eu mesmo penso que para o "jardim da infância", o método Montessori é o melhor para o ensino do cálculo".

Vejamos, pois, o que nos aconselha a dra. Montessori:

"Um dos primeiros passos para o aprendizado da numeração é o emprego da moeda. O troco da moeda é uma excelente forma de atrair a atenção da criança. Manuseiando as reluzentes moedinhas de 100 rs. os pequenos facilmente aprendem a contar até 10.

E' este um exercício muito prático, além de muito útil, pois o menino fica ao mesmo tempo sabendo contar e conhecendo a moeda em circulação, tornando-se capaz de realizar pequenas compras, com perfeita facilidade. Esta lição tem tal cunho de vida prática que todos os pequenos por ela se interessam grandemente.

Os chamados jogos brasileiros nos sugerem brincar de sapatarias para ensinar a conhecer o sapato do pé direito e o do pé esquerdo. De dupla utilidade poderia ser esse jogo se seguindo o conselho de mme. Montessori nos utilizássemos de moedas de níquel, de prata, para pagar aos caixeiros de tais sapatarias os sapatos do pé direito, do pé esquerdo, ou os pares de

sapatos que lhes comprassimos. E não seria para admirar adquirir por tão pouco, sapatos... apenas pintados em pedacinhos de cartão.

Depois de haver ensinado empiricamente a numeração, deveremos passar aos exercícios metódicos. Usaremos como material as 10 astes destinadas á educação dos sentidos.

A mais curta destas astes tem 10 decímetros e a mais comprida 1 metro, enquanto que as de 2 a 10 decímetros são subdivididas nos decímetros componentes por meio das duas côres azul e vermelho empregadas alternativamente.

Em primeiro lugar ensinaremos ás crianças a arrumar as astes em ordem, pelo comprimento. Isto posto, ensinaremos a contar pelas côres, começando do pedaço menor. Assim: um, um e dois, um, dois e três; sempre começando de **um** para cada um dos pedaços.

Depois designaremos cada aste pelo numero de pedaços que contém. E tocando em cada uma das astes do lado em que aumentam gradativamente, diremos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10.

Desqjando mostrar a quantidade de astes, contaremos pelo lado oposto e teremos a mesma numeração: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10.

Chamaremos a atenção das crianças para essa repetição numerica e fa-las-emos muitas vezes o exercicio.

Agora ao exercicio sensorial do reconhecimento dos pedaços mais compridos e mais curtos, juntaremos o da **numeração**.

Colocando as astes no chão, ou misturando-as simplesmente sobre a mesa, escolheremos uma das astes (a de dois pedaços por ex.) e mostrando-a aos pequenos, diremos: **a de 2**.

Depois, chamando uma das crianças, lhe pediremos o pedaço maior procurando observar se ela de preferencia escolhe **pelo comprimento ou se conta as marcas**. E' preciso repetir por muitos dias esse exercicio e assim chegaremos a dar um nome proprio a cada uma das astes. Teremos assim **a de 1, a de 2, a de 3, etc.**, e finalmente abreviando a linguagem o **1, o 2, o 3, o 4**, a medida que as fôrmos mostrando.

Agora, apresentaremos aos alunos os algarismos esmerilhados sobre madeira, seguindo o mesmo processo com que apresentamos todos os objetos, isto é, usando poucas palavras bem claras: — **este é um! este é dois! — dê-me o um! dê-me o dois! que numero é este?**

Vendando os olhos das crianças e entregando-lhes os numeros esmerilhados lhes pediremos que acompanhem com o dedo indicador a fôrma do **um**, a do **dois**, etc. Já agora elas poderão escrever os dez numeros.

Tomaremos agora uma caixa que deve ter em uma das faces verticais os algarismos desenhados e na parte horizontal divisões correspondentes a estes algarismos.

O exercicio consiste em colocar nas divisões do plano horizontal um numero de objetos igual ao algarismo colocado na parte vertical correspondente.

As crianças terão diante de si além da caixa, uma porção de objetos: **oubosinhos** ou mosaicos de Froebel, conchas, continhas, etc.

As im colocarão um objeto na divisão correspondente ao numero **1; 2** na divisão correspondente ao numero **2**, etc. Quando eles considerarem pronto o trabalho, chamarão a jardineira para verificar.

O zero — Suponhamos que a criança indicando a divisão correspondente ao 0, pergunte: quantos cubos deverei colocar aqui?

Poder-se-ia responder: "Nada! zero é nada". Isto, porém, não basta. Os pequeninos precisam sentir o que significa **nada**.

Para isto a dra. Montessori imaginou um exercício que agrada imensamente às crianças.

Recordemo-lo: A jardineira coloca-se em meio da sala e dirigindo-se para uma das crianças, lhe diz: — Vem aqui, querida, vem zero vez, perto de mim!

Quasi sempre a criança acorre pressurosa ao chamado. Mas, meu filho, — lhe diz ela — você veio uma vez e eu lhe pedi zero vez. Começa a admiração: "Mas, então, que devo fazer" — "Nada; zero é nada". — Mas, como se pôde fazer nada? — Não se faz. Você deveria ficar quieto, não se mover. Não deveria vir nem uma vez; zero vez, nenhuma vez.

Repete o exercício: Você, meu filhinho, mande-me zero beijo com os seus dedinhos.

A criança ri, mas, não se mexe.

Compreenderam? Repete o pedido com voz suplicante: "Dê-me zero beijo, zero beijo!" Risos. Finge-se zangada e fala severamente para um deles: "Você aqui, zero vez, deprecisa! Digo-lhe zero vez! A criança não se mexe. No entanto todos riem.

O rir torna-se estrepitoso excitado pelo seu medo de proceder, ora suplicante, ora zangado". Mas, afinal de contas, diz com voz triste "porque não me beijaram, porque não vieram," E todos gritam em voz alta, de olhos brilhantes, de alegria: "Zero é nada! zero é nada!" — Ah! sim? replica, rindo, calmamente, a jardineira, bem! agora venham todos aqui uma vez. Correm todos para ela.

Quando, pois, se tratar de escrever, um zero diremos zero, é uma rodinha? "Não, zero não é uma rodinha, zero é nada.

Quando as crianças conhecerem o algarismo escrito e seu significado numerico, faremos o seguinte exercício:

Tomaremos algumas folhas dos calendarios de desfolhar, escolhendo de preferencia os numeros vermelhos. Reuniremos os numeros de 0 a 9. Colocaremos todos esses papeisinhos em uma caixa.

Começaremos o jogo. Cada criança tem que tirar um dos papeis da caixa sem deixar vêr o numero. O segredo é a atração desse jogo. Cada menino volta para o seu lugar levando dobrado na mão o seu bilhete. Quando todas as crianças estão de posse de um numero vem cada uma de per si á mesa da jardineira, onde ha grande quantidade de objéto: cubozinhos de Froebel, placazinhas, conxas, contas, etc., e retiram um numero de objetos correspondente ao algarismo do seu bilhete. E' preciso não esquecer que o numero fica dobrado misteriosamente no lugar ocupado, pela criança, e que esta dale se deve lembrar não só durante o espaço de tempo que dispense em alcançar a mesa da mestra, como também enquanto retirar os objéto, que deve escolher, contando-os de um a um. Neste momento a jardineira pôde fazer observações sobre a memoria dos numeros.

Quando a criança volta para o seu lugar, coloca o bilhetinho diante de si sobre a mesa e abaixo dele coloca os objéto, dispondo-os em duas colunas.

No caso dos numeros impares coloca em baixo o numero que sobrou.

Isto posto, a criança aguarda a correção da jardineira. Esta aproxima-se, abre o bilhete, aprovando com alegria e entusiasmo as operações exatas.

Nos primeiros dias acontece frequentemente que as crianças retirem mais objetos que os necessarios para representar o seu numero; não só porque não se recordam do numero como também porque... gostariam de ter mais objetos que os outros... E' necessario explicar-lhes que é inutil ter tantos objetos sobre a mesa, e que sómente saberá jogar bem quem advinhar a quantidade exata dos objetos. Levar-se-á algum tempo para conseguir que a criança se domine a ponto de possuindo o numero 2 por exemplo, retirar somente dois objetos, enquanto que alguns companheiros retiraram 7, oito, até nove objetos. Este jogo é por isso considerado mais como um meio de exercitar a vontade do que como um exercicio de numeração. Assim as crianças que tiram o zero permanecem nos seus logares silenciosas e tristesinhas, enquanto os companheiros se erguem e voltam com as mãos cheias de coisas para eles encantadoras... agrupam-nas em duas belas colunas coloridas e esperam orgulhosos a aproximação da professora...

Quando a jardineira se avizinha daqueles e os interroga: "Você não retirou alguma cousa?" Ele responde: "Tive o zero". Esta resposta bem traduz o estado daquela almazinha em botão.

Uns mostram-se resignados, outros despeitados, alguns ironicos e ainda alguns outros um pouco invejosos... Torna-se necessario anima-los, então. "Olhe, filho, você precisa saber guardar o segredo do zero... é um segredo que costuma escapar-nos pela ponta... dos dedos... Vamos, mostre-se desembaraçado e não deixe perceber que... tirou o zero... E assim se consegue despertar-lhe o orgulho da propria dignidade e em breve saberão mostrar-se á altura de tamanho revez, recebendo calmamente o zero e os outros numeros pequenos.

Assim também será amanhã pela vida afóra... quando de uma vez se houverem libertado dos sentimentos pequeninos que ainda escravizam o homem.

Para o ensino da primeira operação aritmetica empregaremos 10 astes já usadas para o ensino da numeração.

Já as conhecemos até aqui pelo nome do numero que representam: 1, 2, 3, etc.

Reuniremos as astes inferiores á 10, de sorte que produzam 10. Assim ao 9 juntaremos o 1, ao 2, juntaremos o 8, ao 6 o 4, ao 7 o 3. Voltando de um extremo ao outro do 10 á aste 5, mostraremos que 10 resulta de duas vezes 5. Repete-se esse exercicio tantas vezes quantas forem necessarias para familiarizar as crianças com essas adições, passando-se então a empregar linguagem tecnica. Nove mais um, é igual a 10. 8 mais 2 é igual a 10. 5 vezes 2 é igual a 10. Ensinaremos então os sinais mais, multiplicado por e igual. Então fa-lo-emos escrever nos cadernos: $9+1=10$, $8+2=10$, $7+3=10$, $6+4=10$, $5 \times 2=10$.

Quando as crianças realizam já com facilidade essas operações chamaremos-lhes a atenção para o trabalho que é preciso realizar para guardar todas as astes, até aqui reunidas em 10.

Retiremos de um dos 10 o 9 e ficar-nos-á o 1. Ao outro tiraremos o 8 e ficar-nos-á o 3. Ao outro tiraremos o 3 e ficar-nos-á o 7. Ao outro tiraremos o 4 e ficar-nos-á o 6. Diremos mais propriamente: $10-9=1$, $10-8=2$, $10-4=6$, $10-3=7$. Sobrar-nos-á o 5. Mostraremos que ele é metade de 10 e o teremos dividindo o 10 em dois; então 10 dividido por 2 é igual a 5. Faremos anotar nos cadernos: $10-4=6$, $10-3=7$, $10-2=8$, $10-1=9$, $10\div 2=5$.

Quando os meninos estiverem senhores desses exercícos farão outros espontâneos. Poderemos perguntar-lhes: "É possível formar duas astes de 3?". — Sim, se reunirmos o 2 ao 1.

Escreverão $2+1=3$. — E duas astes de quatro? — Sim, juntando o 3 ao 1. $3+1=4$.

Se tirarmos o 1 a esta aste de 4, ficará o 3. $4-1=3$.

A aste de 2 está para a de 4 como a de 5 para a de 1. Virando o 2 dum extremo ao outro do 4 dá duas vezes justas: $4\div 2=2$, $2\times 2=4$.

Problema: calculemos com que astes poderemos fazer o mesmo jogo.

Resposta — Empregaremos o 3 para o 6; o 4 para o 8; isto é, $2\times 2=4$; $3\times 2=6$; $4\times 2=8$; $5\times 2=10$, e $10\div 2=5$, $8\div 2=4$, $6\div 2=3$, $4\div 2=2$.

As crianças de 5 anos fazem com a maior facilidade esses exercícos. Em pouco tempo será necessário variar as operações. Para isto tomaremos as astes e colocaremos o 1 sobre o 10, o 3 sobre o 8, o 2 sobre o 9, o 3 sobre o 9, o 4 sobre o 8.

Ensinaremos a designar pelos próprios nomes esses tamanhos maiores que 1, isto é, 11, 12, etc. Assim com a mesma facilidade com que aprenderam a contar de 1 a 10 aprenderão de 10 a 20.

* * *

Terminando a minha exposição, peço-vos perdão por não haver correspondido á vossa expectativa, roubando-vos tempo com as minhas palavras desataviadas de humilde mestre-escola, a contar-vos cousas por demais sabidas.

Minhas desculpas e muito obrigado pela paciência com que me ouvistes.

MENDICANCIA INTELECTUAL INFANTIL

Palestra realizada pelo professor Mario Gomes Pereira de Souza, no salão de conferencias da SEMANA PEDAGOGICA, inaugurada nesta capital em outubro de 1933.

Sr. Diretor do Ensino Primario.

Meus colegas de Pernambuco e Paraíba.

Meus senhores.

A vida humana, esta manifestação biologica da energia universal, requintada no reino hominal, aí se manifesta mais complexa, mais integral pelo gráu de exponenciação a que a intelligencia atinge.

E' nesse degrau ascensorial das especies que ela se organiza, se condensa, e, sabiamente guiada pela Intelligencia Absoluta, crea na intelligencia relativa do individuo os diversos estados de consciencia.

Esses, por seu turno, acarretam estados de carater e conduta. Estes entretanto se revelam ao contacto do mundo objetivo, cumprindo á psicologia experimental a analyse das suas multiplas expressões, as quais variam de individuo para individuo na razão direta das leis biologicas gerais e na razão inversa das alternantes fisicas peculiares a cada caso.

* * *

A sociedade sendo pois um agregado de elementos humanos heterogeneos, a sua evolução está naturalmente subordinada á qualidade dos seus fatores, sendo a quantidade desses fatores, o resultado somatico positivo ou negativo do que diz respeito ao index fisico, intelectual e moral de uma raça ou de uma nacionalidade.

Por uma fatalidade bio-psiquica, essa heterogeneidade nos clementos humanos, converte-se em necessidade. As grandes leis da evolução seguem o seu curso de gradação, através de metamorfoses que integram e desintegram, combinam e reagem, misturam e ligam, na faina eterna da grande alquimia cosmica.

* * *

Quem conhece a estupenda tragedia estrutural anatomica da celula nos seus movimentos, variando de formas geometri-

camente, alternando de modo continuado a posição das suas linhas gerais, impulsionada por misteriosa força em procura de estabilidade, poderá fazer uma idéa do que é a luta da célula-indivíduo, dentro da complicadíssima organização do corpo social.

A célula-indivíduo luta também com fenômenos de ordens varias em busca da sua relativa estabilidade.

Influem: Atavismo, hereditariedade, condição moral, condição intelectual e condição social. Esta, acarreta condição economica e condição de meio ambiente.

* * *

A teoria das possibilidades é para mim, no momento, um assunto que deve preocupar seriamente os sociólogos. Quando existe possibilidade em um assunto qualquer, existe probabilidade e a probabilidade é o primeiro passo para o exito. A ausencia da possibilidade é o preludio da miseria que pode ser fisica, intelectual ou moral.

A miseria é a porta para a mendicancia e a mendicancia o mais deponente estado de aviltamento a que pode um povo atingir.

Sendo, como já vos disse, uma sociedade composta de elementos heterogeneos, parece natural que devido á diferenciação de classe não possa haver sociedade sem miseria e consequentemente sem mendigos.

Isto poderá ser admissivel, atendendo a relativa á evolução cultural de cada povo. Se entretanto a mendicancia se revela por um index alarmante no seio de uma gente que se diz civilizada, é simplesmente injustificavel tal estado de cousas e só podemos taxar semelhante fenomeno como prova de retrogradação e negligencia.

Tal negligencia é porém um crime de lesa civilização em uma época em que tudo avança e procura acompanhar o progresso universal.

Dos diversos estados de mendicancia: fisica, intelectual e moral, é no meu conceito, o intelectual o mais deploravel de todos.

O povo que se retarda intelectualmente, se deixa vencer pela competencia das nações civilizadas e torna-se impotente para desenvolver as suas energias fisicas, morais e economicas. Será sempre um povo de mendigos, de cegos, de aleijados, de imbecis e miseraveis.

* * *

Quantos procuraram os cafés de João Pessoa em busca de um pouco de distração, logo modificam esse desejo sentindo a alma confrangida ante o espetaculo doloroso da infancia esmoler que a bolsa lhes assalta, por necessidade ou vicio de indolencia, quando não induzidos pela incuria de pais desnaturados que os

explora em maquiavelicos processos de requintada *chantage* traduzida em lamurias.

Belissima escola para a infancia, cafés, prostibulos, sargetas, a companhia dos maus e o exemplo do crime.

E a plebe que mendiga nunca penetra nas luminosidades do bem. Ela se enlameia e enxarca na podridão das almas estagnadas.

E a sociedade terá mais tarde o direito de pedir contas a crianças de hoje, homens de amanhã, creados e educados em semelhantes campos de promiscuidade?...

Não será ela a direta responsavel por todos os crimes que sejam cometidos futuramente?

Interessantissima e ridicula seria essa justiça que educando no crime, o crime ousasse punir.

* * *

A criança que vemos ao léu da vida e á displicencia dos gozadores, a mendigar o pão, pede indiretamente, não o pão corporal, porque esse terá fatalmente se tiver educação precisa para ganha-lo. Mendiga o pão espiritual a educação e o amparo social que lhe negam os responsaveis pela sorte do povo.

Desenvolva-se as inteligencias, cuide-se paralelamente do corpo e do espirito, e, ato continuo desaparecerão os mendigos de toda casta.

Os governos se devem convencer de que não é com elementos humanos integralizados que havemos de contar para a reforma dos nossos costumes. Temos que arquitetar a sociedade futura, plasmando-a na amalgama ainda moldavel da infancia de hoje. Infelizmente porém, os *campeões da maratona do egoismo* avançam na sua maioria para o pinaculo dos cargos politicos alheios á sorte do povo.

* * *

Quem mais mendiga intelectualmente é a criança proletaria, é o filho do operario e do camponez porque aristocratas e burguezes fazem guerra indireta aos filhos do homem-ação creando escolas pagas ou equivalentes, pelo cunho de restrições que se faz ao amparo completo á infancia desvalida. Os filhos dos abastados tem cuidados pelo menos indispensaveis do lar,— relativo conforto, relativa assistencia. O filho do operario, dorme no enxergão, come mal, quando não é atirado pela sociedade á miseria das ruas, para o vicio da mendicancia.

Instrução?!...

Si tem escolas não tem livros; si tem livros não tem pão; si tem pão não lhes sobra das economias domesticas a contribuição economica para o amparo da saúde.

As mães proletarias não são convenientemente assistidas, o serviço necessario e urgente da prenatalidade entre nós é falho e restrito; a puericultura e nos ainda um sonho; as cantinas dieteticas, um vago ideal, as creches uma previsão e em suma:

um grande projeto sempre em vias de realização a mór parte do que diz respeito á criança proletaria. Isso porque os nossos dirigentes sofrem de meia-surdez e só lhes gritando bem perto, em buzinas acusticas, começam a repetir preguiçosamente que o "problema da educação é o maior problema nacional".

Hoje já se não pode compreender a verdadeira politica sem escola. Foi esse doloroso descaso que levou o povo russo a extremos e por isto ainda, ouvimos o grito de desespero de Lenini a bradar que: "Quanto mais o Estado burguez é civilizado, mais requintada é a mentira que ele comete afirmando que a escola, pode ficar fóra da politica e servir á sociedade em seu conjunto". Diz ainda que tal escola tem apenas o fim de fornecer aos capitalistas creados servis e operarios inteligentes.

* * *

Necessitamos desde logo evitar os extremos do desespero. O brasileiro é sobremodo inteligente e se apercebe com muita facilidade dos grandes males que lhe afligem.

* * *

Será por ventura que tenhamos de entregar ás mãos dos teóricos o futuro da nossa industria e da nossa lavoura?

O Brasil vem falhando por ausencia de técnicos, pelo empirismo paradoxal que se tem procurado imprimir no fomento das suas riquezas.

E o resultado dessa educação teorica tem sido a falencia fisica da raça e o fracasso das nossas possibilidades economicas.

Não ha nação para vencer sem o concurso inteligente e racionalmente culto do operario.

Aqui tudo infelizmente se faz de modo inverso.

Colocam-se os técnicos industriais na burocracia e mandam-se bachareis e soldados cuidarem da lavoura.

Precisamos selecionar os valores e essa seleção só poderá ser feita racionalmente quando a escola atingir a sua verdadeira e pratica finalidade.

Antes de tudo cuidemos da raça pela eugenia.

Um povo sem organização eugenicis e sanitaristas é uma gente sempre em perigo pela ausencia de assistencia e defesa.

A assistencia social á infancia não se julgue seja restrita a hospitais e orfanatos. Deve começar nos lares, continuar na escola e terminar na sociedade propriamente dita.

No lares começará pela notificação da gravidez no competente departamento que com a sua matricula organizada terá o fichario preciso para as mães notificadas. Desde então deve o serviço de prenatalidade vigiar a gestante em sua evolução concepional até o parto. Assim será diminuida a mortalidade infantil que na maioria dos casos tem correlação direta com o estado patologico das mães.

Que não seja obrigatorio em nosso pais, pelo menos deve

ser estimulado com eficiente propaganda e orientação ministrada nos lares.

O Governo Roosevelt, compreendendo por uma larga visão administrativa o valor dessas notificações, distribuiu em 1931 dezenas de cartas de felicitações a mães estadunidenses que não faltaram uma só vez às consultas prenatais oferecidas pelo departamento de saúde dos Estados Unidos.

Em materia de assistencia infantil parece que somos o povo mais atrazado.

Na America do Norte, na Argentina, no Uruguai, dá gosto ver como se cuida do futuro da raça pela proteção á infancia. Em todos esses paises, são assuntos tratados com acurado interesse: Notificação da gravidez, investigação da paternidade, limitação involuntaria da procreação, determinismo do sexo, exame prenupcial obrigatorio, etc.

Após a natalidade os cuidados sociais se dirigem simultaneamente ás crianças e ás mães, protegendo essas e aquelas. Vem então as ferias regulamentares para as parturientes, a garantia dos salarios ás mães proletarias durante o seu impedimento. Para as crianças recém-natas, as cantinas dieteticas, os ambulatórios; as creches; mais tarde e finalmente, os centros de puericultura. Mais adiante os jardins de infancia, as classes de orientações prevocacionais com os seus gabinêtes de antropologia e psicologia experimental, as escolas para anormais, os centros de cultura fisica, institutos vocacionais, regulamentação do trabalho das crianças e varias outras instituições e medidas de amparo á infancia.

* * *

Não me delongarei mais.

Não quero abusar da vossa gentileza.

Terminando deixo patente aos meus colegas paraibanos, os meios de debelar a MENDICANCIA INTELECTUAL INFANTIL, lembrando-lhes que honrosamente recai sobre os nossos hombros a maior responsabilidade de tão importante movimento pela exigencia gradual das medidas expostas.

Temos a satisfação de ver que a Paraíba vai dando os seus primeiros passos nesse grande tentamen, e a prova disto é esta grande assembléa de professores que aqui reunidos dão o atestado mais eloquente de não nos serem alheios tais assuntos.

Os nossos governos inauguraram com Antenor Navarro a época renovadora da nossa escola que o seu sucessor vantagosa-mente continúa.

* * *

E enquanto o Estado não nos pode dar maior cooperação, nós os professores da Paraíba, continuemos nesta obra ingente que vamos levando de vencida.

Antes do mais, congreguemos as classes medica e professo-

ral na orientação do movimento geral de amparo á infancia com a fundação de uma CRUZADA INFANTIL.

* * *

Agora, ao terminar, eu lembro na ocasião de realizarmos uma das nossas maiores aspirações, o nome de Antenor Navarro, filho dileto da Paraíba, amigo querido da nossa instrução cujo luminoso espirito vejo pairar entre nós com aquele sorriso bom e com aquele olhar de imenso descortino a nos agradecer, dizendo num gesto da aprovação que está satisfeito conosco por realizarmos as suas aspirações e cumprirmos o nosso dever.

Disse.



A ESCOLA ANTIGA E A ESCOLA NOVA

Insp. MANUEL VIANA JR.

“Ao espirito que pensa e a lingua que fala é necessario acrescentar a mão que produz”. — Comenius.

A escola verbalistica que preparou na confusão estiolante de suas anacronicas idéas, gerações e mais gerações está condenada a desaparecer cedendo o seu primado á escola ativa, cheia de luz e sol, devido ao insulamento a que fôra atirada pelos que, presos ao vinculo do carrancismo, viam na liberdade do aluno em contacto com a natureza, o meio despensivo de ensino.

As suas escolas, fechadas como calabouços, eram camaras de tortura para a inteligencia. As crianças, miseros prisioneiros, anemisados, sentados em toscos bancos, ouviam hirtos as preleções do ditador da escola. O mestre na certeza de estar cumprindo o grande dever, escudado na inconciencia dos pais de familia, impunha deveres e castigos: deveres que transformavam os instintos adormecidos da animalidade. A escola era o espantalho da criança. O professor o seu carrasco. Quando um pai de familia queria se vêr livre das traquinadas de um filho sentenciava: vou mandar este peralta para a escola, que é para o professor amansa-lo. Fazia da escola o conceito que ela merecia — o terror das crianças.

O espirito da época vivia imbuido dos preceitos e preconceitos da Escolastica que considerava a criança como um ser fraco, corrompido e escravo de paixões mesquinhas.

Era preciso a sevicia para dominar o espirito. Não era a consciencia de ser que dominava o soma, era o soma que dirigia o espirito; a formação moral dependia da tortura fisica e não do despertar das boas tendencias. Era preciso castigar o corpo a amordaçar o espirito; desenvolver a memoria em detrimento das outras faculdades; tolher os anseios de liberdade para que nascesse a obediencia passiva e despersonalizante.

As subtilezas da dialetica Escolastica fazem predominar as formas do pensamento em prejuizo do proprio pensamento. A receptividade mental do aluno era regulada pela fereza do

mestre. A ferula o "test" bemdito da escola verbalista. O seu lema: "a letra, com sangue, entra".

Ainda hoje encontramos partidarios desta aberração, vicio de origem de nossa cultura, que na estreiteza do seu modo de pensar estão retardando a pratica da escola nova. Partidarios são da filosofia tomista, preferem a autoridade á liberdade baseando os seus principios rigidos no encadeamento inflexivel e imutavel da razão, sujeitos ao determinismo e á necessidade.

Para eles a saúde, a robustez, a firmeza na conduta, a energia, a cooperação, a coragem, a sociabilidade, a economia, a clarividencia, os habitos de trabalho, são dons naturais com os quais a escola nada tem que vêr. O melhor aluno seria, para os que seguem a escola antiga, o que tivesse memoria mais adextrada, que não perdesse uma virgula da pagina da lição recitada de braços cruzados em frente do mestre. O fim da escola e do aprendizado não era preparar individuos para a luta pela vida, e sim esgrimistas da palavra para os torneios de retorica e dialética.

Estudar o aluno, desenvolver-lhe as atividades sensoriais, não era mister do professor, porque a palmatoria á sua adextra-da mão tinha poder magico. Permitir que a criança desenvolvesse as suas atividades lucidas em contacto com a natureza, dentro da escola ou no pateo do recreio era um desrespeito á autoridade austera do mestre. Para as doenças da memoria e disturbios medico-pedagogicos, a terapeutica da palmatoria. A melhor ginastica, a que corrigia o corpo e curava a alma, era, decerto, o castigo fisico. Os trejeitos causados pelas torturas e o derramar das lagrimas do aluno dignificavam o mestre, impondo-o por sua braveza ao conceito publico. O mais afamado dos professores era aquele que maior numero de castigos fisicos applicasse aos seus alunos.

Contra semelhante fereza, que rebaixava o homem, amesquinhando-lhe a formação moral insurgiram-se todos os filosofos leigos do seculo dezesete, desde Comenius, João Loke, Rousseau, Pestalozzi até Decroly, em nossos dias. Foram precisos quatro seculos de lutas para tomar e destruir a bastilha do despotismo da escola. A criança deixou de ser o "individuo máo, de paixões desordenadas", para se tornar um ser em formação, visto pelo prisma da solidariedade humana. Para Dewey a concepção é a socialização para a democratização. O notavel mestre americano fixou os principios fundamentais da escola decroliana, pregando o ensino funcional, globalizado e comunitario — escola movimentada, em que o aluno escolhe o objetivo da lição, porque só desperta a atenção o que a criança vê e gravita em torno á sua pessoa. O sopro vivificante das idéas sãs varreu todos os quadrantes do mundo civilizado, a instrução no Brasil que até poucos dias permanecera no ambiente estreito da escola ativamente levanta-se protesta e reage. Os Estados do sul, liderados por

São Paulo, reformam a aparelhagem do ensino, tendo em vista o fator humano.

Minas começa ensinando os seus professores a ensinar. Não faz reformas pro-formula, prepara técnicos lançando mão da prata de casa — seu professorado. O Estado do Rio, Santa Catarina, Espirito Santo e Distrito Federal imitam no neste grande gesto. Depois da revolução de 930, os Estados do norte que ensaiavam o vôo renovador dentre os seus limties geograficos, tomaram a serio o magno problema, enviando aos centros sulistas grupos de professores para, em contacto com as élites experimentadas na arte moderna de ensinar, estudar o que existia de mais moderno e accessivel ás suas condições mesologicas.

Pedagogia, a arte de ensinar, é universal; suas leis são imutaveis quanto ás idéas e as doutrinas; mas o metodo tem uma relação tão estreita com o homem que a sua applicação depende do meio em que vive, respeitando-se as suas origens etnicas e etnograficas, porque o metodo é a adaptação tão perfeita quanto possivel dos meios de ação educativa. Poderá, não, se no fator humano está a realização do secular problema, ensinar o individuo a ler educando-o. Os professores brasileiros chefiados por Lourenço Filho estão conseguindo firmar este grande postulado: estudar as novas escolas, escolher os valores em cada meio e em cada tempo, adaptando ao meio o que o meio comportar. Da tenacidade dos seus applicadores, apoio dos Governos surgiram frutos otimos que já estão colhendo as felizardas populações escolares do sul.

Graças aos bons fados tivemos a ventura de numa viagem de estudos á capital Pernambucana, observar o que se pratica nas suas escolas.

Escola viva, onde o desprendimento de um pugilo de denodados faz o milagre da multiplicação do saber. Escola-jardim, escola-muzeu. Nada importado, tudo feito pela mão adextrada do professor. Porque não fazemos o mesmo? Porventura não possuímos o material? Tomamos a liberdade de afirmar que sim, pois conhecemos todo o professorado do Estado. Façamos por ilustrar a nossa acersiva, uma pequena demonstração, uma aula ativa, para convencer os que ainda estão com o espirito preso ao casulo do conservantismo. Se tomarmos para exemplo uma aula sobre a cana de assucar, applicando-se os dois metodos, isto é, a escola antiga e a escola nova, vemos que a primeira faz uma confusão extraordinaria no espirito dos alunos, devido ao modo científico de dizer; a segunda é a simplicidade tomada sobre todos os aspéctos científicos sem esquecer a classificação, desenvolvimento, origem meios industriais e até o seu determinismo, sem o dogmatismo frio de dizer.

Cana de assucar — Familia das gramineas, nasce em toda a parte excéto nas regiões articas. Folhas disticas, sagitiformes, invaginantes, cortantes nos bordos devido ao deposito de anhi.

drido silicico que forma as suas cerrilhas. Fanerogama; a inflorescencia é uma espiga formada de espiguetas, protegida de pequenos glumes. Planta monocotiledonea; raiz em forma de cabeleira. Do caule extrai-se o suco que depois de cosido e posto ao sol é pulverisado formando o assucar. Constitue uma das riquezas do Brasil.

Na escola nova os problemas aparecem antes dos principios, na antiga acumulavam-se os principios antes dos problemas.

Se aprender significa "adquirir um conhecimento novo, um influxo condicionado que habilite o individuo a agir em determinada circumstancia de modo", logo esta aprendizagem só se verifica quando um novo excitante do comportamento tenha por base o interesse natural biologico.

Baseado nessa concepção é que a escola nova tem por fim fazer com que os individuos adquiram conhecimentos de dentro para fóra, não como inversamente fazia a escola antiga. Os primeiros artifices do ensino renovado levados pela observação aquisitiva da criança em face da natureza, descobriram que o melhor meio de ensinar seria estimular no aluno, por meio de jogos as suas percepções internas e externas. Partindo do principio: que é que a criança pôde aprender? — Aquilo por que se interessa. Deste postulado partiu Decroly, creando o centro de interesse, por ser um meio especial de dispôr o espirito para com o objeto, estabelecendo três etapas fundamentais para qualquer assunto que são: observação, associação e expressão. A observação serve para pôr em movimento as atividades mentais formando a base racional da lição porque a observação leva a criança a pesar e medir e contar. Depois da observação segue-se a associação no espaço e no tempo que é a verificação da experiencia propria do aluno. A' associação no tempo — historia; no espaço — geografia. Expressão compreende todos os exercicios de linguagem ortografica, trabalhos manuais, desenho, exercicios cartograficos, canções, etc., etc., e tudo que o engenho inventivo do mestre achar prudente.

Do exposto vemos que ensinar não é o empirismo nem o subjectivismo que deve predominar e sim o objectivismo. Nada que não tenha relação com a vida e o meio ambiente. A escola deve ser o muzeu vivo. O professor digno deste nome só deve exigir que a palavra se forme na mente da criança em seguida á concepção, após a percepção sincretica, que, naturalmente, demanda observação, associação, expressão, e, consequentemente, experimentação.

São estes os principios e postulados que devemos seguir, pregar, pôr em execução, para conseguirmos o alevantamento moral e material da escola colocando o professor primario paraibano ao lado dos seus congeneres no paiz, que, neste momento, empenham-se na cruzada nobilitante de salvar a instrução primaria brasileira das idéas retrogradadas em que vivia. As nossas pa-

lavras de estímulo não devem ficar perdidas neste ambiente de confraternização. Fazemos um apêlo em nome do nosso apostolado para que do civismo de todos nós resurja a escola a que temos direito, dado a cultura, a fé no patriotismo são que fez da Paraíba o maior rincão de civismo de nosso amado Brasil.

Dos amargurados minutos que passastes a ouvir as nossas desataviadas e incolores expressões, culpa não nos cabe, e sim á generosidade do sr. Diretor do Ensino.



ESCOLA RURAL MODÉLO

Sizenando Costa

A escola vem passando por um periodo de transformação que vale a pena observar.

Com o evoluir das ciencias de educação, na pratica pedagogica e nas pesquisas bio-psicologicas, verificou-se que o ambiente escolar não estaria completo sem o concurso do professor e do medico, isso por uma necessidade incontestavel de se conhecer cabalmente a creança.

Agora vamos também reconhecendo que a escola não é feita sómente para a escola, mas para a vida, assim, não basta ensinar um punhado de cousas teoricas ao menino, mas aprestalo para a luta pela existencia.

E como hoje em dia nenhuma atividade se desenvolve sem que esteja relacionada com os interesses do Estado, precisamos também encara-la sob outro prisma, talvez o mais interessante que resume a sua finalidade mais carateristica — quero referir-me á escola como fator economico. Apreciemos o seu evoluir em nosso paiz. — Por muito tempo a escola era considerada como motivo de adorno, sem interessar de perto o elemento propriamente trabalhador. As primitivas organizações, nos engenhos e nos grandes latifundios, constituíam-se de individuos que socialmente se sobrepunham em escala ascendente, ficando em baixo, aguentando o peso, rastejando a terra o escravo e no ápice desse amontoado humano, refastelava-se o “senhor de engenho”, o dono da terra.

Devo dizer que a nossa evolução, segundo Oliveira Viana, ao contrario da de todos os povos, tem se operado da grande para a pequena propriedade. E nesse fragmentar constante, a que ninguem poderá opôr um dique, o trabalhador que ficou em baixo, substituindo o escravo, aguentando o peso, vai aos poucos se libertando da sobrecarga e apresta-se para vencer. Faltam-lhe, porém, os conhecimentos e aptidões necessarias ao exito que êle almeja e merece. Assim, êle precisa de um preparo especial relacionado com as condições do meio em que opéra.

Desse conjunto de circumstancias, surge e se impõe como um axioma, a necessidade de se completar a administração, a direção da escola, já constituída do professor e do medico,

com o técnico especializado nos processos racionais das culturas que constituem a ocupação das populações rurais do Brasil. Deste modo, a atividade do agrônomo deve se voltar também para a escola onde se prepara, se amolda, a mentalidade do homem de amanhã. As condições particulares do país e o desvirtuamento que se vem operando na formação da nacionalidade, impõe essa medida de caráter econômico e social.

O ambiente escolar vem, pois, se completar com a figura dinâmica do agrônomo.

De ha muito que ouço dizer que o Brasil é um país essencialmente agrícola. Mas desde que me entendo de gente que observo que só se ensina agricultura racional aos menos capazes. São os delinquentes, os retardados, os viciosos, os vagabundos, a quem o govêrno escolhe para atirar nas colonias e ensinar os processos modernos de cultura.

Não desejo que se negue essa assistencia a esses infelizes mas encareço que se torne a profissão mais nobre afim de integrar o homem do Brasil na sua verdadeira finalidade.

Com essa ideia fixa, encontram-se quasi todos os homens de responsabilidade na Republica, nessa hora de reajustamento, de coordenação de forças.

Atingidos pelo sopro das novas ideias, os professores brasileiros preparam-se para prestar o seu concurso, nobremente, pelo engrandecimento do Brasil. Não será, porém, sómente com hũa vontade que iremos realizar essa grande obra. Mas com essa hũa vontade, com esse idealismo que nos anima, ajudados naturalmente por elementos que tencionamos congregar, teremos que realizar, decerto, nosso programa.

As grandes realizações passam fatalmente por um periodo, ás vezes longo de amadurecimento, determinando, por vezes, o fracasso dos mais apressados, dos mais entusiastas.

Tinhamos a idéia de orientar os destinos da escola por outro caminho. Cêdo percebemos que as atividades rurais se deviam desenvolver largamente na escola, e que o lár do Brasil deveria sofrer uma influencia reformadora de modo a tornar a nossa dona de casa mais apta, mais eficiente, menos dispersiva, menos desinteressada pelas questões economicas e paralelamente a este trabalho deveremos também valorizar o homem, oferecendo-lhe os meios para produzir com abundancia, se fixar no sólo, estimulando-lhe um amôr profundo pela sua gléba dadiova, úbere fonte de riqueza e de felicidade. Tinhamos muito perfeita a noção do modo como nos deveriamos conduzir, esbarrámos, porém, na pratica por falta de meios.

Em viagem de observação visitámos Recife onde encontramos funcionando o estabelecimento que imaginavamos. — A Escola Rural Modêlo é bem um laboratorio onde se manipula, com rara eficiencia, onde se prepara a grandeza, a felicidade do Brasil e do seu povo, maxime do Norte.

Um núcleo central com salas de aula, sala de professores, biblioteca infantil, gabinete médico e dentário, museu, sala de refeições, cozinha e todas as instalações de uma pequena granja — horta, jardins, pomar, aviário, apiário, siringaria, colheira etc.. Tudo construído sob a orientação de técnicos especializados, em grande parte pelos alunos, com material de pequeno custo, ao alcance de todos. Visitamos este estabelecimento justamente no término da semana de atividades rurais. Iniciamos a nossa inesperada visita pelo salão de exposições de trabalhos manuais, "trabalhos modestos", disse-nos a diretora, "porque os nossos alunos estão encaminhados mais diretamente para as atividades do campo". Efetivamente, ao entrarmos no pavilhão onde estavam expostos os produtos rurais, sentimo-nos possuídos de uma alegria grande por vêr que é possível ainda erguermos, elevarmos esse colosso que é o Brasil. Esse trabalho será ufanoso, mas dará frutos ótimos, sazonados, compensadores. Creadeiras com alegres ninhadas, amontoados artísticos com as colheitas da horta, frutos, produtos conservados, favos de mel, bichos de seda, doces, licôres, uma infinidade de artigos arrancados da terra pelo trabalho das crianças.

O estabelecimento, além de outras instituições auxiliares, mantém uma cooperativa entre os alunos, que faz o controle comercial de todas as seções da granja.

Os membros dessa cooperativa vendem os produtos, recolhem o dinheiro deliberam por si, e todos os meses, em sessões econômicas, prestam suas contas e recebem os lucros.

Esses lucros correspondem a 50% das rendas. O restante é recolhido á caixa do estabelecimento, para ajudar o custo das varias seções rurais.

Dessa importancia, retirada pelos menores, uma parte éle emprega na compra de ações da cooperativa. No fim do ano todas as ações são resgatadas.

Na Escola Rural Modêlo essas atividades rurais são ensinadas sómente aos alunos do terceiro ano em diante. Esses, divididos em turmas, estão simultaneamente, durante o periodo escolar, recebendo instruções de letras, educação física e trabalhos de campo. As turmas se revezam nos salões de aula, nas diversas ocupações. Faz gosto vêr o fervilhar desta colmeia onde se prepara o futuro do Brasil.

Em palestra que fiz na Associação Pernambucana de Professores eu disse que aquele estabelecimento parece que tinha sido inventado para a nossa Paraíba. E todos nós, que ali estivemos, deliberamos em compromisso de honra tudo empenhar para que um estabelecimento semelhante fôsse fundado em nossa terra. Nesse sentido obtivemos do atual diretor do Departamento de Educação de Pernambuco, dr. Anibal Bruno, o compromisso de nos permitir mandar professores nossos fazer um estagio naquele como nos demais institutos educativos de Pernambuco. Foi um

grande passo, porque na escola o professor é tudo, o restante é secundário. Alguns colegas nossos irão, embora com sacrifícios enormes, para Recife, aprender, como se faz um Brasil grande e feliz ..

Para a realização desse grande empreendimento eu peço os bons officios de todos os homens de boa vontade, especialmente do corpo de agrônomos aqui domiciliado.

A maior contribuição, a mais difícil, será justamente a de pessoal. Posso garantir entretanto que até junho do ano que entra, teremos professores aptos a levar avante, com eficacia, a direção de um estabelecimento desta natureza.

Antes de solicitarmos o govêrno para entrar com o seu concurso valioso e indispensavel, precisamos esmerilhar a questão nos seus diversos aspectos, para oferecermos um plano exequivel e relacionado com o estado de aperturas em que nos debatemos. Tenho um que talvez resolva a questão sem pesar grandemente sobre as economias do Estado. Era meu proposito desde o começo deste ano, expô-lo ao govêrno numa série de artigos que iniciei na Revista do Ensino. Circumstancias, porém, de ordem moral e muito intimas, obrigaram-me a retardá-lo, mas no interesse superior de servir a causa publica, coloco todas aquelas circumstancias de ordem moral e intima, em plano inferior, e passo a delinea-lo :

(Continúa)

O ENSINO NORMAL

MANUEL FLORENTINO

O IV Congresso de Educação ha pouco reunido em Fortaleza congregou delegados de todos os Estados, em sua maioria nomes de grande projeção nos meios educacionais nacional, que debateram com incontestavel autoridade o problema maximo da nacionalidade.

A Paraíba ali esteve representada pelo dr. Manuel Florentino, lente do Liceu Paraibano e professor José de Mélo diretor do Ensino Primario.

No plenario do importante certame o dr. Manuel Florentino apresentou o brilhante trabalho que publicamos a seguir:

"ESCOLAS NORMAIS PARA OS ESTADOS DO NORTE"

Proposta apresentada pelo dr. Manuel Florentino

Considerando que a quasi totalidade das crianças que frequentam as escolas publicas é de filhos do povo e que uma mui baixa porcentagem dessas crianças é que vai além do curso primario, sobretudo nos meios rurais;

Considerando que em nosso país as classes baixas vivem em verdadeira miseria e não simples pobreza e que essa miseria é o maior fator da nossa inferioridade no conjunto das nações, pois um povo de párias não póde ter personalidade propria;

Considerando mais que dita miseria é resultante duma ignorancia quasi completa, ignorancia que incapacita essa gente para o aproveitamento dos dons com que a Natureza nos favorece;

Considerando que aos professores primarios deve por excelencia caber a missão de elevamento do nivel de vida dessas populações que por aí vegetam ás cégas, sem instrução profissional, sem higiene, sem saúde, pois são eles que vão levar aos mais afastados lugarejos os dons da educação;

Considerando que nossas Escolas Normais fogem inteiramente ás suas finalidades, porque, com os cursos recheiados de cousas inuteis á vida pratica, não podem atender ás nossas necessidades do momento.

2.º ANO

Português	3	3
Aritmetica	2	2
Geografia	2	2
Ciencias Naturais	3	6
Musica	1	1
Desenho	1	1
Artes e officios	3	6
Esportes	—	6

3.º ANO

Português	3	3
Algebra e Geometria	2	2
Historia da Civilização	2	2
Ciencias Naturais	3	6
Musica	1	1
Desenho	1	1
Artes e officios	3	6
Esportes	—	6

4.º ANO

Português	2	2
Historia da Civilização	2	2
Historia da Educação	1	1
Psicologia	3	3
Musica	1	1
Desenho	1	1
Artes e officios	3	6
Educação sanitaria	3	6
Esportes	—	6

5.º ANO

Português	2	2
Francês ou Inglês	2	2
Historia da Civilização	2	2
Psicologia	2	2
Pratica do ensino	2	2
Artes e officios	3	6
Educação sanitaria	2	4
Desenho	1	1
Musica	1	1
Esportes	—	6

RESUMO

Português	em 5	anos
Artes e officios	" 5	"
Musica	" 5	"
Desenho	" 5	"
Ciencias	" 3	"
Matematicas	" 3	"
Historia	" 2	"

Psicologia	" 2 "
Geografia	" 2 "
Educação sanitaria	" 2 "
História da Educação	" 1 ano
Prática do Ensino	" 1 "
Francês ou Inglês	" 1 "

IDÉAS GERAIS PARA A EXECUÇÃO DESTE PROGRAMA

Artes e ofícios

Este curso deve começar com o fabrico de brinquedos simples e pequenas peças de utilidade para o aluno (o que fará com que ele encontre verdadeiro prazer nas aulas) habituando-o a, depois, trabalhar por conta própria. As artes domesticas peculiares a cada região devem ser estudadas cuidadosamente estilizadas e racionadas, de forma que possam constituir fonte de renda para as familias pobres a observação dos objetos toscos que se expõem nas feiras será de grande utilidade.

Os trabalhos de horta, leitaria, sericultura, criação de animais domesticos, confeção de chapéus, vestidos, sapatos, etc., devem ser feitos economicamente, de modo que o aluno se habitue desde logo com as questões economicas. Ainda mais, o curso deve orientar-se de fórma que o menino possa escolher um oficio ou arte de acôrdo com o seu sexo e temperamento.

Esportes

Diariamente, nas primeiras horas escolares, será reservada 1 hora para esportes. Procurar-se-á incutir nos alunos o habito salutar dos exercicios fisicos quotidianos.

Ciencias

Semelhantemente ao que se faz hoje no curso ginasial, as Ciencias no curso normal serão ensinadas segundo um programa gradativamente aprofundado, de fórma que nos 2 ultimos anos o aluno se ache em condições de compreender as aulas de Educação Sanitaria e de Psicologia.

Educação sanitaria

Este curso deve ser o mais pratico possivel e compreenderá o estudo de Higiene e Arte de Enfermagem. A Higiene rural, a Higiene infantil e a da alimentação devem merecer atenções especiais.

Historia

No estudo da Historia deve-se cuidar do progresso da Humanidade e não do simples relato das guerras acontecidas. O professor procurará fazer com que as novas gerações odeiem áqueles que provocaram os grandes morticinios que a Historia enumera, em lugar de apresenta-los como heróis dignos de culto.

Historia da educação

Durante o curso, o mestre procurará comentar o assunto de modo a dar aos futuros professores uma vista geral dos problemas educacionais através dos seculos, estudando as soluções que tenham sido preconizadas.

Português

No 5.º ano, a maior parte do tempo será aproveitada para conhecimento dos classicos da lingua. Far-se-á um verdadeiro curso abreviado da literatura portugêsa.

Francês ou Inglês

Pequeno lugar é reservado no programa ao estudo das linguas estrangeiras. O mestre primario deve conhecer, de preferencia e aprofundadamente, a lingua materna, sendo o estudo mais cuidadoso dos idiomas estranhos reservado ás **Escolas superiores**.

Achando-se a eficiencia do ensino do programa supra condicionada a diversos fatores, entre os quais avultam:

a) — Instalação completa das escolas, para que o ensino se faça **praticamente**.

b) — Professorado competente recrutado entre aqueles que tenham **Escola Normal superior** ou se tenham especializado em centros didaticos de reconhecido valor;

c) — Padronização dos filmes didaticos, para maior facilidade da sua difusão e na criação de filmotecas regionais ligadas a uma **Filmoteca central** com séde no Rio de Janeiro; seria de grande conveniencia se organisassem 2 comissões, uma que estudasse o melhor meio de criação de **bolsas de especialização** para professores distintos (a juizo das instituições de classe) e outra, de modo mais pratico de fundação duma **Filmoteca Nacional** com filiais nos Estados”.

AUDIÇÃO

Silvia de Pessôa

(PARA O 6.º ANO)

Ante quadros representativos do aparelho auditivo a professora insinuará a classe a análise de suas diferentes partes.

1.ª LIÇÃO

Meus meninos. Deveis ter em mente a nossa ultima palestra em que tomámos por objeto a "Vista", o mais sublime legado fisico da Onipotencia. Hoje, peço vossa atenção para uma lição não menos proveitosa — a audição.

Já sabeis que são cinco os sentidos: ver, ouvir, cheirar, gostar e apalpar. Entre eles são chamados sentidos superiores *ver*, que já estudámos, e *ouvir*.

O *ouvido* é o órgão da audição. É por seu intermedio que temos a impressão da voz, dos sons de qualquer natureza. Esse órgão está localizado em cada um de nós lateralmente no osso temporal; podemos dizer na base do crânco e liga-se a face completando sua expressão fisionomica.

O *ouvido* divide-se em três partes distintas: o *ouvido externo*, o *ouvido medio* e o *ouvido interno*. Cada uma dessas regiões foi formada para um fim especial, mas são tão relacionadas as suas funções, que uma não existiria sem a outra, podendo-se por isso afirmar que todo o aparelho auditivo tem uma só função, — ouvir.

Estudemos portanto cada divisão em particular.

O *ouvido externo* é a parte mais simples dessa especie de pequeno armazem. E' constituído pela *orelha* e pelo *canal auditivo*.

— Vêde este caramujo — A orelha se assemelha aos caramujos que rolam sobre as nossas praias e vos servem de distração quando por lá passais as ferias. Comunica-se a orelha com um corredorsinho de três centímetros que é chamado *canal auditivo*.

A orelha, meus meninos, como podeis verificar examinando a dos vossos colegas ou tocando com as mãos na vossa propria tem a parte superior arredondada e dobrada sobre si mesma

formando cavidades cartilaginosas (fortes), e o lado inferior mole, denominado *lobulo*. É a parte em que as mulheres colocam os brincos de brilhantes, fantasias ou outras pedras preciosas imitando os selvagens nossos antepassados.

A concha da orelha destina-se a receber as ondas sonoras trazidas pelo ar e que por ali penetram atravessando os três compartimentos: *externo, medio e interno*.

A entrada do canal auditivo divisamos penugens que filtram o ar protegendo os ouvidos contra as poeiras.

A mão da Providencia, arrumou esse pavimento oculto muito direitinho para que os corpos estranhos não possam atingir ao timpano que é muito sensível.

Nem mesmo o ar transmissor dos sons penetra diretamente o ouvido, porque encontra dentro um obstaculo chamado *coto-velo* que o desvia.

Chama-se *ouvido medio* a continuação do ouvido externo. Nele está o timpano de que vos falei ha pouco.

O *timpano* é representado por uma membrana finissima semi-transparente colocada no fundo do canal auditivo e que vibra ao contacto das ondas sonoras transmitindo o seu movimento vibratorio a quatro ossiculos que existem lá dentro de nome: *martelo, bigorna, osso lenticular e estribo*, devido as suas formas se parecerem com tais objetos.

A caixa do timpano é como um bombo. Nela retumbam os sons depois que atravessam o ouvido externo; está separada do conduto auditivo pelo timpano.

(Prestai atenção; timpano e caixa do timpano, são cousas diferentes).

A caixa do timpano comunica-se com as celulas mastoideas, as quais contem ar e liga-se por uma especie de funil a *trompa de Eustachio*, que representa outro canal que se vai abrir na faringe e conduz o ar ao *ouvido medio*.

Na organização do ouvido medio existem duas aberturas que se distinguem por *janela oval* e *janela redonda* e se comunicam com uma parte do ouvido interno denominada — *caracol*.

(Está bem longa a nossa palestra, entretanto não deve ficar incompleta. Continuemos).

O *ouvido interno* ou *labirinto* é a parte deste órgão admiravel que transmite diretamente ao cerebro as impressões que recebe. Este, como o medio está encravado numa parte do cranio chamada *rochedo* pela sua grande resistencia.

Divide-se o labirinto em três partes: *vestibulo, canais semi-circulares e caracol*.

Tem o labirinto uma parte osséa e outra membranosa por isso muitos anatomicos (homens que estudam o corpo animal e mesmo o vegetal, sua origem estrutura, etc.), o dividem em labirinto osséo e membranoso.

O *vestibulo* está colocado no centro do ouvido interno en-

tre os canais semi-circulares e o caracol, e comunica-se com a caixa do timpano pela janela oval a qual é fechada pelo ossinho estribo.

Os *canais semi-circulares*, são três tubos arqueados; um em posição horisontal entre dois verticais, tendo em suas extremidades cinco buraquinhos (orificios) que comunicam com o vestibulo.

Falta-nos falar sobre o caracol.

O *caracol* se parece com o molusco desse nome. Separa-se dos canais acima descritos pelo vestibulo com que se liga por meio de um orificio adaptando-se a janela redonda.

Assim como o ouvido medio contem ar o ouvido interno está cheio de um liquido que recebe as tenues subdivisões do nervo acustico. Este nervo é o que conduz a impressão das vibrações e a transmite ao cerebro.

Existe uma ligação intima, meus meninos, entre a vista, o ouvido e a inteligencia.

Estes orgãos se auxiliam mutuamente.

A vista conversa de perto com a inteligencia levando-lhe a idéa clara dos objéto de luz e de côres.

Se alguém fala parece que ouvimos melhor se o olhamos.

O ouvido é o transmissor da linguagem, da afeição, da confiança expressa.

À vista e o ouvido, são, eu vos disse, os sentidos superiores. Deveis portanto conserva-los igualmente.

Os cegos inspiram compaixão. Eles nunca emanciparão o seu espirito.

Os surdos mesmo ilustrados têm a apparencia de tôlos.

A inteligencia como irmã amiga que é, resente-se com a falta de um desses sentidos.

NERVO AUDITIVO

2.ª Lição

O *nervo auditivo* ou *acustico* é "notavel pela moleza de sua contestura", quero dizer pela composição e formação toda especial.

Entra pelo canal auditivo interno e divide-se em dois ramos que se dirigem um para o vestibulo e o outro para o caracol. Este subdivide-se em ramusculos finissimos denominados fibras de Corti (Anatomico que primeiro as descreveu).

As fibras de Corti são como as cordas de um instrumento muito afinado; decompõe os sons que em conjunto são levados ao cerebro.

Seria impossivel bem vêdes, dizer-vos de todas ás particularidades do ouvido e da repercussão das vibrações no interior desse orgão primoroso. Uma cousa porém vos auxiliará a compreensão; é o estudo dos sons.

Sons e ruidos.

Os cientistas separam o som musical do barulho ou ruído, apesar de provirem ambos da vibração de um corpo transmitida ao ar.

O ruído e o som musical podem ser grave ou agudo, forte ou fraco. Há porém uma diferença: o ruído pôde ser o efeito da queda de um corpo, de uma árvore, de um galho, de uma folha de coqueiro; pôde provir ainda do detonar de uma arma, do ri-bombar do trovão, da explosão dos gases, da queda da guada, etc., enquanto o som musical nos vem dos instrumentos como o piano, o violino, a flauta e muitos outros que conheceis e também da voz humana.

O ouvido auxiliado pela inteligência recebe a impressão, percebe os sons e os distingue pela altura, pela intensidade e pelo timbre que consiste na ressonância particular de cada instrumento e repercussão da voz humana que faz com que possamos saber se é um violão que toca ou uma pessoa que fala do mesmo modo que, considerando ruído poderemos saber se ouvimos a chuva, o rumor de um avião, de um bonde ou a queda da guada de uma torneira, etc.

Os sons de quaisquer natureza transpõem mais depressa o ar quente que o frio e propagam-se mais rapidamente na água e nos corpos sólidos do que no ar.

Como vêdes o ar é um elemento essencial à audição. Sem ar não ouviríamos.

HIGIENE DO OUVIDO

3.ª Lição

A limpeza do ouvido é tão necessária quanto o asseio da boca, do nariz e de todo o corpo.

Enquanto pequenos pedi aos vossos pais para asseia-los. É tão feio uma criança de ouvidos sujos!... Retirai das cavidades auriculares os detritos de pó; limpai cuidadosamente a entrada do canal auditivo com o auxílio de um pouco de algodão humedecido.

Quanto seria desagradável ver meninos de orelhas amareladas por descuido! Sempre que banhades o vosso rosto banhai também vossos ouvidos como o fazeis com as mãos. A surdez provem muitas vezes da obstrução do canal auditivo pelo cerúme acumulado. Outras causas existem que a podem também ocasionar.

Já sabeis que o ar atmosférico chega aos ouvidos por duas portas: o canal auditivo e a trompa de Eustachio que liga o ouvido médio ao nariz, e o faringe a cavidade da boca. Deveis portanto estender os cuidados higienicos dos ouvidos a estes órgãos.

As molestias localizadas na garganta perturbam a audição, porque através da trompa de Eustachio podem chegar ao ouvido médio.

Os corrimentos, fluxos purulentos ou não, catarros nasais, dos ouvidos e do faringe também podem alterar a audição, portanto quando fordes acometidos dessas afeções as deveis tratar imediatamente. Com banhos alternados á cabeça, (mornos e frios) com injeções tepidas aos ouvidos, podeis obter otimos resultados.

Em casos graves porem recorrei aos cuidados de um prudente medico.

Evitai tudo o que possa ofender a membrana do timpano.

A introdução de corpos estranhos nos ouvidos, grampos, palitos, os proprios dedos para fazer violentamente sanar as coceiras podem ocasionar além da irritação das paredes internas, a rotura do proprio timpano.

Os insetos que se introduzem as vezes no canal auditivo dando lugar a dôres e zunidos, podem ser facilmente retirados virando-se horizontalmente a orelha, enchendo dagua morna o tubo auditivo e despejando-se fóra ato continuo. Se porem o corpo estranho a retirar fôr um grão qualquer, contas, botões, etc. recorrei de preferencia a um clinico capaz para que não prove nha disso inflamações.

Não fecheis os ouvidos fortemente por ocasião de grandes estrondos. Evitai a queda nagua de grandes alturas, as correntes diretas do ar frio.

Sêde prontos em tratar dos vossos ouvidos, garganta e faringe para que não chegueis um dia a perder a audição.

Higienisai finalmente os vossos ouvidos, ouvindo sempre o que fôr bom, o que fôr moral, o que fôr puro e sereis homens de bem.

LEGISLAÇÃO ESCOLAR

DECRETO N.º 497, DE 12 DE MARÇO DE 1934

Crêa uma Escola de aperfeiçoamento para professores.

Argemiro de Figueirêdo, secretario do Interior e Segurança Publica, respondendo pelo expediente da Interventoria Federal neste Estado.

Considerando, que, a exemplo das demais carreiras, o magisterio tem postos de accessos para os quais devem ser escolhidos de preferencia os professores que tenham curso de especialização;

considerando, que os centros adiantados do país veem envidando esforços para elevar o nivel intelectual dos seus professores, creando campos experimentais para pesquisas bio-psicologicas do educando;

considerando, que aos professores do Estado falecem meios para uma seriação regular de estudos superiores de ordem educativa e que a Escola de aperfeiçoamento vem atender a uma necessidade premente do ensino,

DECRETA :

Art. 1.º — E' creada nesta capital uma Escola de aperfeiçoamento para professores.

Art. 2.º — Esta Escola, emquanto não lhe fôr dada séde apropriada, funcionará no Grupo Escolar "Dr. Tomás Mindêlo" e em outros estabelecimentos para isto designado pelo govêrno.

§ Unico — Para atender ás necessidades da pratica do Ensino, funcionarão ainda no aludido grupo escolar um jardim de infancia, uma escola isolada e uma complementar.

Art. 3.º — A Escola ora creada terá um curso regular de dois anos e funcionará de 1.º de março a 15 de outubro.

§ Unico — Serão ministrados nesta Escola a aula de :

a) Psicologia

- b) Educação Sanitaria
- c) Historia de Pedagogia
- d) Metodologia
- e) Artes e industria domestica
- f) Desenho e trabalhos manuais
- g) Educação física
- h) Lingua Portuguêsa e literatura nacional
- i) Matematicas
- j) Ciencias físicas e naturais
- k) Musica.

Art. 4.º — O corpo docente da Escola de aperfeiçoamento será constituído de elementos do Magisterio official e de pessoas outras que tenham conhecimentos especializados das materias a que se propuzerem.

Art. 5.º — Dadas as atuais condições financeiras do Estado esses cargos serão, provisoriamente, exercidos sem onus para o Tesouro, sendo porém, considerados serviços publicos de relevancia e contados pela terça parte para efeito de aposentadoria.

Art. 6.º — O Estado dentro de suas possibilidades economicas irá provendo a Escola, ora creada da aparelhagem necessaria.

Art. 7.º — A Escola de que trata o presente decreto fica diretamente subordinada á Diretoria do Ensino Primario, que proporá ao secretario do Interior os contratos dos respectivos professores.

Art. 8.º — Só poderão ser nomeados diretores de grupos, professores de escolas complementares e inspetores do ensino os que tenham concluido o curso da Escola de aperfeiçoamento.

Art. 9.º — A Escola de aperfeiçoamento terá regulamento especial e programas organizados por seus professores e aprovados pela congregação.

Art. 10.º — Ficam reconhecidos pelo Estado os diplomas conferidos pelos estabelecimentos congeneres das demais unidades da Federação.

Art. 11.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio da Redenção, em João Pessoa, 12 de março de 1934, 45.º da Proclamação da Republica.

(Ass.) *Argemiro de Figueirêdo*

(Ass.) *João Dias Junior*, respondendo
pela Secretaria do Interior.

DECRETO N.º 498, DE 12 DE MARÇO DE 1934

Crêa o Orfeão escolar do Estado.

Argemiro de Figueirêdo, secretario do Interior e Segurança Publica, respondendo pelo expediente da Interventoria Federal do Estado da Paraíba.

Considerando que a musica, pelo canto orfeonico, realiza a alta missão educativa social, estabelecendo o espirito de cooperação mutua e laços de fraternidade entre seus componentes;

Considerando, que ao professorado, principalmente, incumbe difundir este moderno processo pedagogico de cultura artistica;

DECRETA :

Art. 1.º — Fica nesta data creado o Orfeão Escolar do Estado.

Art. 2.º — O Orfeão Escolar é composto de professores e alunos das escolas publicas.

Art. 3.º — O professorado do interior fará no periodo de ferias um curso de emergencia com a duração minima de 15 dias, para a necessaria habilitação de canto orfeonico.

Art. 4.º — O Orfeão funcionará na séde de Escolas de Aperfeiçoamento, sob a direção de um professor de musica.

Art. 5.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio da Redenção, em João Pessoa, 12 de março de 1934, 45.ª da Proclamação da Republica.

(Ass.) *Argemiro de Figueirêdo*

(Ass.) *João Dias Junior*, respondendo
pela Secretaria do Interior.

Decreto n.º 508, de 3 de abril de 1934

Dá regulamento á Escola de Aperfeiçoamento, creada pelo Dec. 497, de 12 de março ultimo.

Argemiro de Figueirêdo, Secretario do Interior e Segurança Publica, respondendo pelo expediente da Interventoria Federal no Estado da Paraíba,

DECRETA:

Art. 1.º — A Escola de Aperfeiçoamento creada pelo Decreto n.º 497, de 12 de março ultimo, terá o Regulamento que baixa aprovado pelo presente decreto.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio da Redenção, em João Pessoa, 3 de abril de 1934, 46.º da Proclamação da Republica.

Argemiro de Figueirêdo

J. Dias Junior, resp. pela Secretaria do Interior.

REGULAMENTO DA ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO

CAPITULO I

Do ensino

Art. I — A Escola de Aperfeiçoamento destina-se a ampliar os conhecimentos dos professores diplomados pelas escolas normais ou por estabelecimentos de generes reconhecidos ou oficializados pelo Estado.

Art. II — O seu curso é de dois anos e compreende as seguintes disciplinas:

- 1) — Psychologia;
- 2) — Historia da Pedagogia;
- 3) — Metodologia
- 4) — Historia Natural;
- 5) — Educação Sanitaria;
- 6) — Fisica e Quimica;
- 7) — Lingua Portuguesa e Literatura Nacional;
- 8) — Matematicas;
- 9) — Musica;
- 10) — Educação Fisica;
- 11) — Desenho;
- 12) — Trabalhos Manuais;
- 13) — Artes e Industrias Domesticas.

Art. III — Todas as cadeiras funcionarão nos dois anos do curso, com excepção das de Português e Literatura e Matematicas, que são definitivas no primeiro ano.

Art. IV — Para estudos experimentais funcionarão anexos á Escola de Aperfeiçoamento todos os tipos de estabelecimentos de ensino primario adotados no Estado, desde o jardim de infancia á escola complementar.

Art. V — Para o regular funcionamento das diversas cadeiras, o Governo proverá a Escola do material necessario, bem como de uma biblioteca.

Art. VI — A Escola de Aperfeiçoamento será dirigida pelo Director do Ensino Primario que proporá ao Secretario do Interior a designação dos funcionarios necessarios á composição da respectiva Secretaria.

Art. VII — Nos termos do decreto que creou a Escola de Aperfeiçoamento, só poderão ser nomeados directores de grupos, professores de escolas complementares e inspectores técnicos de ensino os diplomados por esse Estabelecimento.

Art. VIII — Os diplomados pela Escola terão ainda preferencia para as nomeações e promoções em todos os cargos do ensino primario.

CAPITULO II

Da matricula

Art. IX — A matricula iniciar-se-á a 15 de febreiro terminando no ultimo dia do mesmo mês.

Art. X — E' condição essencial para a matricula ser o candidato diplomado por qualquer dos estabelecimentos referidos no artigo 1.º.

Art. XI — A matricula ao segundo ano depende da aprovação em todas as cadeiras do ano anterior.

Art. XII — E' vedada a matricula aos candidatos que não apresentarem indispensaveis requisitos de ordem moral ou que sofram de molestia infeto-contagiosa.

Art. XIII — A matricula é isenta de qualquer taxa e será feita mediante requerimento ao qual se junte os seguintes documentos:

- a) diploma de professor normalista;

b) atestado medico de que não sofre de molestia inféto-contagiosa ou defeito fisico que o impossibilite de exercer o magisterio;

c) folha corrida.

§ unico — Ficam isentos dos documentos referidos nas letras b e c os candidatos que exercerem o magisterio publico.

Art. XIV — O Governô fixará anualmente o numero de candidatos á matricula na Escola de Aperfeiçoamento.

CAPITULO III

Das aulas

Art. XV — Os trabalhos escolares terão inicio no primeiro dia util do mês de março e terminarão no fim de outubro.

Art. XVI — Aos professores serão fornecidas cadernetas para o registro de presença e de notas do aproveitamento dos alunos.

Art. XVII — As aulas funcionarão em todos os dias uteis com o numero de alunos que comparecer.

Art. XVIII — Na primeira semana de cada mês reunirá a congregação perante a qual os professores farão a leitura dos boletins de aproveitamento dos alunos e oferecerão sugestões para o serviço do mês a seguir.

Art. XIX — O regime das aulas e o horario escolar serão determinados pela congregação.

Art. XX — Os alunos são obrigados a adquirir todos os utensillos de uso pessoal e a materia prima para as suas aulas de trabalhos.

Art. XXI — Não será submetido a exame final o aluno que faltar a um terço das aulas em qualquer cadeira, ou que tenha sido reprovado no exame parcial de junho.

CAPITULO IV

Dos exames

Art. XXII — Haverá dois exames durante o ano escolar, um parcial na primeira quinzena de junho e um final em outubro.

Art. XXIII — As notas dos exames, como as das aulas, serão graduadas de 0 a 10.

Art. XXIV — Serão aprovados os alunos que no exame de outubro obtiverem em cada materia nota superior a 5.

Art. XXV — Não terão direito a renovar a matricula os alunos reprovados em dois anos consecutivos.

CAPITULO V

Do corpo docente

Art. XXVI — O corpo docente será constituído de professores efetivos e contratados.

§ 1.º — Serão efetivos os nomeados pelo Governô e de contrato os professores de artes e industrias domesticas, desenho e trabalhos manuais.

§ 2.º — Os contratos de que trata o § antecedente serão lavrados na Secretaria do Interior.

Art. XXVII — Os titulos dos professores são isentos de qualquer onus.

Art. XXVIII — As nomeações dos professores efetivos e a admissão dos contratados serão propostas ao Secretario do Interior pelo Diretor do Ensino Primario, depois de ouvida a congregação.

Art. XXIX — Aos professores efetivos que exercerem, cumulativamente, funções publicas estaduais, será contado, para efeito de aposentadoria, pela terça parte, o tempo de serviço prestado na Escola de Aperfeiçoamento.

§ unico — Não gosará dos favores a que se refere este artigo o professor que der, durante o ano, mais de 30 faltas não justificadas, a juizo da congregação.

CAPITULO VI**Disposições gerais**

Art. XXX — Os professores primarios já nomeados, para o interior do Estado, que desejarem cursar a Escola de Aperfeiçoamento ficarão considerados de licença, com direito a percepção de um terço dos seus vencimentos e sem prejuizo do tempo de serviço.

§ unico — A licença será concedida pelo Governo mediante requerimento do candidato, devidamente informado pelo Diretor do Ensino.

Art. XXXI — Com as vantagens do artigo anterior só terá direito á matricula um candidato de cada estabelecimento de ensino do interior do Estado.

Art. XXXII — De cada estabelecimento terá preferencia á matricula o candidato que tiver obtido melhores notas de aprovação no curso normal e que apresentar maior soma de serviços prestados ao ensino, a juizo da congregação.

Art. XXXIII — A' congregação incumbe, além das atribuições expressas nos artigos e paragrafos antecedentes, deliberar sobre todos os casos omissos neste Regulamento.

CAPITULO VII**Disposições transitorias**

Art. XXXIV — No presente ano a matricula será feita entre os dias 5 a 15 de abril, exceto para os candidatos do interior do Estado que poderão ser aceitos até o dia 30. As aulas terão inicio a 16 do mês de abril corrente.

O GRANDE MAL

JOÃO PAIVA

(Contribuição para a Semana Pedagógica)

Sou dos que pensam ser uma necessidade na presente semana pedagogica, cada educador trazer o seu adminiculo em proveito da instrução, apontando no mesmo tempo a terapeutica eficaz contra muitos empecilhos de ordem moral, que se observam de ordinario nos recantos mais afastados da civilização.

Com a longa pratica e experiencia adqueridas no prolongado periodo de vinte e cinco anos de ensino no interior, posso falar de cathedra sobre tantos obstaculos no desenvolvimento da instrução, dentre os quais collocaremos em primeiro plano o descaso oriundo da ignorancia da maioria dos pais no que diz respeito á educação dos filhos.

Gente sem a menor compreensão do valor inestimavel da instrução, deixa á vontade inconsciente dos petizes, o instuir-se ou não. Estes entregues a si proprios, obedecendo exclusivamente ao natural instinto que o leva á ociosidade, depream a escola como cousa de somenos importancia, alem de incomoda e desgraciosa.

Poderosas medidas são necessarias para salvar tal situação, pela qual são unicos responsaveis os condutores da primeira idade. Dentre as mais aconselháveis destaca-se o ensino obrigatorio, aliás prometido pelos nossos dirigentes revolucionarios, mas que infelismemente de difficil execução na atualidade atento ás criticas condições financeiras do país.

Antes porem, do estabelecimento do ensino obrigatorio, faz-se preciza a nossa ação encarada sob diversos aspectos de utilidade pratica; assim é que, a meu ver, dará otimo resultado uma especie de convenio entre professores e pais, onde se discutam os meios a empregar para fazer sanar tão grave irregularidade.

.....
As nossas escolas do interior estão bem longe de preencher a sua finalidade. Obices de toda natureza a isto se opõem. São elas em grande parte desprovidas do mais comezinho material pedagogico, elemento sine qual non para ser ministrado com eficiencia o ensino.

É contudo verdade e consoladora para nós, o surto de progresso que se fez sentir em diversas localidades do interior pela ação dinamica do nosso

saudoso patrono Antenor Navarro tão cedo e inopinadamente arrebatado á vida pela tragica mão da cruel fatalidade.

Eis quando o grande pioneiro da instrução do nosso Estado empregava os maiores esforços em pról da abençoada causa que abraçara, é brutalmente abatido no lamentabilissimo desastre de aviação de que foi teatro a capital da Baía. Não lhe sendo possivel terminar a sua obra de remodelamento geral de instrução, deixou o seu grande exemplo como incentivo áqueles que como nós, se dedicam, á sublime missão de guias espirituais dos homens de amanhã.

Precisamos agir pois, mas agir com eficiencia no terreno das utilidades praticas, das realizações proveitosas, desprezando o palavriado bonito, que só aproveita lá fóra, impressionando bem aos espiritos alheios á marcha do nosso progresso em cousas de ensino. Assim me expresso, porque segundo me parece, não nos reunimos aqui para o fim exclusivo de decantar os nossos feitos, mas sim para de proximo futuro bradarmos aos quatro ventos: — A Paraíba é um dos Estados do Brasil onde a instrução é uma realidade.

E para tanto é necessaria a ação, o pedestal por excelencia das grandes conquistas.

Atravessamos, não ha negar, uma fase de franco evoluir; de fagueiras esperanças no que diz respeito á melhoria da instrução, superintendida por um moço idealista e realizador animado das melhores intenções e que prima em afirmar-se o pedagogo competente, de uma operosidade a toda prova. Já sabeis que me rifiro á individualidade inconfundivel do nosso clarividente colega professor José de Mélo, a quem os bons fados guindaram ao destacado posto de diretor do ensino.

Uma de suas sabias medidas foi sem duvida, pôr em execução a letra até então morta do regulamento que se refere ao corpo de inspetores regionais, seus auxiliares imediatos, profissionais emeritos e denodados trabalhadores pelo progresso do magisterio primario.

O ensino rotineiro em nosso Estado era, por assim dizer, uma verdadeira calamidade. Escolas havia disseminadas pelo interior, a cargo de profissionais relapsos e de exigua capacidade, que praticando um arremedo de ensino faziam jus aos vencimentos e nada mais. Urgia uma medida de força que viesse pôr termo a semelhante descalabro. Eis que aparece como barreira a esse criminoso sistema de ganha-pão, o inspetor regional, espantalho dos incompetentes e desidiosos, hoje afastados dos cargos que imerecidamente ocupavam. Fez-se assim uma relação no professorado, classe que hoje preenche a sua finalidade. Mas não era tudo: fazia-se necessario mais luz, mais esclarecimentos para levar a cabo o supremo desideratum da instrução.

Assim é que sob a iniciativa do nosso diretor segue para o Recife uma comissão de educadores paraibanos, afim de colher impressões dos metodos de ensino praticados naquela futura cidade, hoje considerada como uma das mais civilizadas do país. Antes dessa providencia já havia a Diretoria do Ensino cogitado na organização de uma semana pedagogica, essa grande e ilustrada assembléa de educadores do Estado, que se ocupará durante sete dias dos mais paipitantes interesses do ensino. É licito esperar frutos otimos dessa reunião de classe devotada ao soerguimento do nivel educacional. Se bem que possamos nos orgulhar do muito que já temos

obtido em beneficio da nobre e alevantada causa do ensino, muito ainda se acha por fazer, principalmente nos lugares onde o sopro da civilização não se fez sentir. Mesmo entre nós se observam lacunas a preencher. Assim é que ainda não temos organizado o ensino profissional, de inquestionavel utilidade, como complemento fundamental da instrução.

A própria educação física que consiste na pratica de diversos exercicios corporais, é ministrada apenas em poucos estabelecimentos de instrução publica, devido a causas complexas que inibem a pratica dos mesmos. São eles de extrema necessidade ao clima frio do brejo, onde o exercicio de força e movimento se impõe á boa conservação da saúde e franco desenvolvimento fisico. Aliás não estou aqui a dizer nenhuma novidade, mas pelo contrario, ocupando-me de materia sediza, accessivel a todos os espiritos forrados de algum discernimento.

Dando por terminado este meu despretençioso trabalho, peço desculpa a presente e ilustrada assembléa pela insuficiencia do mesmo, deixando a cargo dos competentes a explanação de melhores alvitres, que venham encher de clarividentes luzes a presente semana pedagogica.



SECÇÃO DE ESTATÍSTICA EDUCACIONAL

Pedimos encarecidamente aos senhores professores que tenham o maior cuidado na escrituração do novo livro de matrícula e chamada, devendo lêr com muita atenção as instruções que precedem o livro em apreço.

Cada professor publico deve se constituir em agente do serviço de estatística, perante os professores particulares. Assim devem informar que nenhum estabelecimento particular, ou simples curso, póde funcionar sem ser registado devidamente, que as formulas para registo, livro de escrituração e boletins mensais são fornecidos gratuitamente pela Diretoria do Ensino, que, finalmente, toda correspondencia sobre estatística escolar tem franquia no correio, não paga selo, desde que o endereço venha encimado pela expressão: — CONVENIO ESTATISTICO.

Os professores, os homens de responsabilidade que se interessam pelo engrandecimento do Brasil devem informar á Diretoria do Ensino a existencia de qualquer estabelecimento educacional. Essas informações não visam agravar com impostos, ou obrigações outras, a esses estabelecimentos, ao contrario, a tendencia é auxiliar, animar, uniformizar a orientação da iniciativa particular cuja contribuição no combate ao analfabetismo é por demais valiosa.

Ninguém ignora que o esforço particular em prol do ensino quasi não é notado e não entra no computo das nossas valorizações.

O Governo reconhece a grande valia do ensino particular e por isso precisa saber detalhadamente da sua existencia para poder, quando quizer, ampará-lo como merece.

Em suma, nossa unica preocupação é que se faça uma estatística perfeita do ensino particular, porque as estatísticas são, por assim dizer, as bases das realizações.

INSTRUÇÃO PUBLICA PRIMARIA DA PARAIBA

Movimento de matricula nos diversos Grupos e escolas da Capital, durante o mês de Fevereiro de 1934.

N.º	ESTABELECEMENTOS	MATRICULA			Observações
		S. M.	S. F.	Total	
1	Grupo Escolar Tomás Mindêlo ..	177	274	451	
2	" " Epitacio Pessoa ..	222	221	443	
3	" " Antonio Pessoa ..	172	248	420	
4	" " Izabel Maria das Neves..	159	243	402	
5	" " D. Pedro II	84	135	219	
6	" " Duarte da Silveira	122	169	291	
7	" " Modêlo	49	139	188	
8	Escola Elementar—R. Rui Barbosa	56	60	116	
9	" " Rua Martim Leitão	26	34	60	
10	" " R. Almeida Barrêto	23	48	71	
11	" " Cruz das Armas ..	35	48	83	
12	" " Ilha Indio Piragibe	53	75	128	
13	Escola Rudimentar—Avenida Nova	20	38	58	
14	" " Floriano Peixoto ..	42	51	93	
15	" " Centenario	19	69	88	
16	" " Oitizeiro..	31	49	80	
17	" " Rua dos Cariris ..	27	43	70	
18	" " " São Miguel ..	23	34	57	
19	" " " Padre Lindolfo	22	33	55	
20	" " " da Mata	35	38	73	
21	" " " da Concordia..	19	20	39	
22	" " Fazenda Santa Julia	27	48	75	
23	" " Marés	29	44	73	
24	" " Graça	11	21	32	
25	Escola Noturna — Xavier Junior	128	—	128	
26	" " 5 de Agosto	62	—	62	
27	" " Arruda Camara ..	96	—	96	
28	" " Prof. Joaquim Silva	84	—	84	
29	" " Barão do Abiahí ..	—	—	—	Não funcionou.
30	" " Castro Pinto	84	—	84	
31	" " Gama e Mélo	93	—	93	
32	" " Manuel Tavares ..	126	—	126	
33	" " Cardoso Vieira.. . .	83	—	83	
34	" " Venancio Neiva ..	78	—	78	
35	" " Artur Aquiles	80	—	80	
36	" " Frutuoso Barbosa..	46	—	46	
37	" " Padre Antonio Pe- reira	74	—	74	
38	" " João Tavares	—	40	40	
39	" " Maria Quiteria de Jesus	—	33	33	
40	" " Inácio Leopoldo ..	—	76	76	
41	" " Sargento-mór Mélo Muniz	—	49	49	
42	" " D. Adauto	—	55	55	
43	" " Padre Meira	—	35	35	
44	" " Padre Rolim	—	28	28	
45	" " Rud. Ilha Indio Pi- ragibe..	78	—	78	
46	Grupo Escolar subvencionado "Santo Antonio"	106	135	241	
47	Escola subvencionada "Santa Luzia"	25	38	63	
48	Escola subvencionada "Santa Inez"	28	39	67	
49	" " São José (diurna)	41	66	107	
50	" " São José (noturna)	43	23	66	
51	" " José Bonifacio	34	26	60	
		2.872	2.825	5.697	

SECÇÃO DE ESTATÍSTICAS EDUCACIONAIS

Matricula geral do Ensino Primario comum e supletivo, nos diversos Estados do Brasil, no ano de 1932

N.º	ESTADOS	Matricula geral
1	São Paulo..	458.404
2	Minas Gerais	335.588
3	Rio Grande do Sul	261.447
4	Distrito Federal	181.421
5	Rio de Janeiro	117.886
6	Pernambuco	105.425
7	Baía	97.144
8	Santa Catarina	80.393
9	Paraná	63.895
10	Ceará	57.316
11	Pará	53.603
12	Espirito Santo	43.781
13	Paraíba	38.276
14	Maranhão	30.070
15	Rio Grande do Norte	26.577
16	Alagôas	21.748
17	Goiás	21.743
18	Sergipe	21.657
19	Amazonas	19.333
20	Mato Grosso	16.791
21	Piauí	15.051
22	Territorio do Acre.. . . .	3.850
	Brasil..	2.071.399

Ano — — — 6\$000

Numero avulso 2\$000